

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Gabriel Alves Zeitlin

Festa de São João e a sua ausência: considerações de atores sociais de um
município interiorano de pequeno porte

São Paulo
2022

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Gabriel Alves Zeitlin

Festa de São João e a sua ausência: considerações de atores sociais de um
município interiorano de pequeno porte

Trabalho de Conclusão de Curso em
Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas
e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo (PUC-SP), sob a orientação da
Profa. Dra. Maria Cristina Dancham Simões

São Paulo
2022

AGRADECIMENTOS

O processo de escrita deste trabalho de conclusão de curso, foi uma experiência bastante desafiadora, mas também altamente realizadora. Em reconhecimento aos apoiadores que me acompanharam nessa trajetória, dedico esse momento para tecer agradecimentos:

Aos amigos e familiares por sempre acreditarem em minha capacidade, em especial aos meus pais e irmão por todo amor e sacrifício investido na minha criação, sempre ressaltando a importância da música e cultura em geral como importante elemento de transmissão.

À professora Dra. Beatriz Borges Brambilla, por me apresentar a Psicologia Sócio-Histórica no início da graduação fortalecendo minha formação enquanto sujeito crítico e, principalmente, por me acompanhar na elaboração da pesquisa em questão como parecerista.

À minha orientadora, professora Dra. Maria Cristina Dancham Simões, por me apoiar em meus conhecimentos e construção do processo de pesquisa, e por fazer desse processo uma experiência prazerosa e construtiva.

Às minhas colegas da graduação em Psicologia, pela partilha do processo de formação e desconstrução das naturalizações, sempre me estimulando e fortalecendo a enxergar mais longe e sonhar sonhos maiores.

Aos amigos de Bragança e Joanópolis que me apresentaram na adolescência à região e a Festa de São João de Joanópolis, e também me ajudarem a elaborar a pesquisa em questão, contribuindo com longas conversas e indicações.

Por fim, aos atores sociais entrevistados que aceitaram compor esta pesquisa com seus pensamentos, memórias, narrativas e conhecimentos singulares, obrigado pela receptividade, este trabalho também é de vocês.

“Como nunca, as multidões que emergem nesse início de século XXI, querem uma cidadania plena, e realizam isso tornando-se sujeitos de sua própria história, sujeitos de sua própria memória, DJs de suas próprias músicas, capazes de produzir e remixar as narrativas de suas vidas.”

(Gilberto Gil)

ZEITLIN, Gabriel Alves. **Festa de São João e a sua ausência**: considerações de atores sociais de um município interiorano de pequeno porte. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2022.

Área CNPq: 7.07.05.00-3 - Psicologia Social

RESUMO

As tradicionais Festas Juninas compõem um importante evento da cultura popular brasileira sendo comemorado em diversas regiões do país. A sua origem remonta aos festivais agrícolas da antiguidade ocidental que foi assimilado ao longo de séculos pela igreja católica que o introduziu no país durante o período colonial, de modo que foi se constituindo enquanto uma prática cultural. À depender do contexto, foram adquirindo diferentes características e particularidades, mas de maneira geral, preservam fortemente aspectos da cultura caipira e sertaneja, reunindo até hoje diversos elementos e tradições de época. Através de entrevistas semi-estruturadas com atores sociais de um pequeno município interiorano do estado de São Paulo chamado Joanópolis, esta pesquisa tratou das significações a respeito da tradicional Festa de São João da cidade e a sua ausência durante a pandemia. Foi investigado de quais maneiras a ausência dessa celebração impactou os entrevistados, através dos sentidos e significados atribuídos a ausência do evento amplo e oficial de costume. O método utilizado para análise dos relatos se deu através da análise e constituição dos núcleos de significação a partir da metodologia da psicologia sócio-histórica.

Palavras-chave: Festa de São João; Psicologia Sócio-Histórica; Núcleos de Significação; Sentidos e Significados

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1. Fundamentos da Psicologia Sócio-histórica	6
1.2. Concepções de cultura adotadas.....	13
1.3. Espaço, território e territorialização.....	15
1.4. Histórico da Festa de São João	19
1.5. Contextualização da história do município de Joanópolis	21
2. Método	25
2.1. Desenho da Pesquisa	25
2.2. Procedimento de coleta de informações.....	25
2.3. Metodologia de análise dos relatos.....	27
2.4. Questões éticas	27
3. Resultados	29
4. Discussão.....	34
4.1. Festa como mediação: parte da identidade joanopolense e elemento de socialização	34
4.2. Ausência de festa marcado pelo vazio	40
4.3. Festa como espaço de exposição, transmissão e projeção da cultura folclórica, religiosa, caipira e musical do município e região	45
4.4. Historicidade da festa: homenagem aos antepassados e fundadores do município	52
4.5. Festa como manifestação cultural engajada a ser gerida, cuidada, tombada e ampliada - ser se colocando em ação com motivação	58
5. Considerações finais	70

1. INTRODUÇÃO

1.1. Fundamentos da Psicologia Sócio-histórica

Como visto em Bock (2007), a Psicologia Sócio-Histórica toma como base a Psicologia Histórico-Cultural desenvolvida por Vigotski (1896-1934), ao incentivar a produção de uma Psicologia dialética para superar as dicotomias e perspectivas mecanicistas e deterministas presentes já em Wundt (1832-1920). A partir de Aguiar e Ozella (2013), consideramos a construção dos aspectos teóricos metodológicos que aqui serão apresentados, calcados nas reflexões de Vigotski a respeito da necessidade de construção de uma infraestrutura lógico-metodológica própria da psicologia para dar conta das tarefas práticas que se apresentavam, uma teoria que fizesse a mediação entre o método materialista histórico dialético e os fenômenos psíquicos. Para os autores, a tarefa daqueles que procuram aplicar o marxismo à ciência, é a elaboração de um método, aqui entendido para além do seu aspecto instrumental, mas enquanto um sistema de procedimentos mediadores concretos de organização dos conhecimentos, objetivando compreender não só a relação sujeito-objeto, mas a própria constituição do sujeito, produzindo um conhecimento que se aproxime do concreto, síntese de múltiplas determinações.

Em decorrência da adoção dessa perspectiva metodológica, colocamos em crítica as visões reducionistas, objetivistas e subjetivistas, já que não basta nos contentarmos com a aparência e descrição dos fatos, mas sim buscarmos a explicação do processo de constituição do objeto estudado, isto é, o estudamos em seu processo histórico. Ao tratar dos pontos essenciais a serem considerados sobre o método, não podemos desconsiderar a impossibilidade de se constituir um método que seja alheio às concepções de homem. A partir da perspectiva em questão, consideramos que indivíduo e sociedade constituem um ao outro - se incluem à medida que não há invenções individuais no sentido estrito da palavra (todas as invenções sempre contêm colaborações anônimas); e se excluem à medida que se diferenciam, abrindo espaços para destacarmos as singularidades dos sujeitos. Como posto por Aguiar e Ozella (2013):

Assim, falamos de um homem constituído numa relação dialética com o social e com a história, o que o torna ao mesmo tempo único, singular e histórico. Este homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela – em todas as suas expressões – a historicidade social, a ideologia, as relações sociais e o modo de produção. Ao mesmo tempo, esse mesmo homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos. (p. 301)

Para pensarmos a respeito dos fenômenos sociais, Bock (2007) coloca que é preciso fugirmos de visões positivistas com perspectivas naturalizantes e idealistas que buscam estudar os fenômenos isolados dos contextos em que surgiram, mas considerarmos a realidade em constante movimento e os fenômenos como algo que se constrói neste movimento. O principal problema da naturalização dos fenômenos na visão de Silvia Lane, reside em desconsiderar o ser humano como ativo, produto e produtor da sociedade historicamente constituída: “A naturalização impede a compreensão da constituição dos fenômenos sociais e históricos, a partir da materialidade da vida humana, fundada no trabalho.” (GONÇALVES; BOCK, 2018, p. 137.) Através dos elementos teórico-metodológicos da psicologia sócio-histórica podemos analisar a realidade através do método do materialismo histórico dialético, desnaturalizar os fenômenos sociais, considerando que a realidade material, vida social e subjetividades estão constantemente se imbricando e se transformando a partir de uma base material.

Assim, a psicologia sócio-histórica compreende o ser humano como ativo, histórico e social, atribuindo uma centralidade à materialidade na reprodução da vida social, à medida que a sociedade é fruto da produção histórica do mundo material pelo trabalho, permitindo a vida social. Como expresso em Bock e Gonçalves (2018, p. 2.), consideramos que o fundamental da afirmação de Silvia Lane por uma nova concepção de homem para a psicologia - que toma o ser humano como histórico, com base no materialismo histórico e dialético - é o reconhecimento do ser humano não como sujeito meramente individual, concepção natural do liberalismo e hegemônica na psicologia durante muito tempo, mas o sujeito histórico. Nas palavras de Silvia Lane (1984a, apud, GONÇALVES; BOCK, 2018, p. 136.), o ser humano que deveria ser recuperado “(...) na intersecção de sua história com a história da sociedade – [sendo que] apenas este conhecimento nos permitiria compreender o homem enquanto produtor da história.”

Nas palavras de Gonçalves e Bock (2018):

Trata-se de questão epistemológica, sabiamente apontada por Silvia Lane quando deixou claro que uma nova concepção de ser humano para a psicologia tinha por base uma nova compreensão de conhecimento, de sujeito e de objeto do conhecimento. Por que uma nova concepção epistemológica? Porque, de forma geral na psicologia e na psicologia social predominavam concepções de matriz positivista, que enfatizavam a busca por uma objetividade do conhecimento destituída de subjetividade; ou seja, enfatizavam a busca por uma aproximação do objeto a mais exata possível. Essa matriz afirma a necessidade da exterioridade do sujeito do conhecimento em relação ao objeto como forma de alcançar o conhecimento objetivo, tido como verdadeiro. Decorrem dessa postura a ênfase na verificação empírica, a redução da teoria ao diretamente verificável e demonstrável, a neutralidade do conhecimento, (...) a dicotomia entre sujeito e objeto do conhecimento, entre subjetividade e objetividade. O pensamento pela exterioridade produz uma forma de abordar relações também desse modo, tomando cada polo da relação em si mesmo, para só em seguida pensar a relação entre eles. Ou seja, tomam-se as relações como relações de exterioridade. Assim, da mesma forma que sujeito e objeto, razão e emoção; ou “aspectos internos” e “aspectos externos”; ou comportamento e consciência; ou indivíduo e sociedade, são tomados como exteriores entre si e a relação que se estabelece entre eles é posterior à compreensão de cada elemento em separado. (GONÇALVES; BOCK, 2018, pág. 136.)

Assim, entendendo que a realidade material não é estanque, mas sim fruto de contradições que se expressam nas idéias, consideramos que as idéias devem ser entendidas como representações da realidade material. Portanto, os conceitos e metodologias também não devem ser estanques, mas considerarem a historicidade dos fenômenos sociais, inclusive da própria subjetividade. Deste modo, a psicologia sócio-histórica não procura igualar objetos, mas superar a dicotomia entre sujeito e objeto, natureza e cultura - pela articulação dos elementos contraditórios através da dialética. Lançando mão das categorias de análise, poderemos reconhecer a importância da articulação entre objetos, da sua relação para a constituição de um conhecimento do fenômeno não de maneira imediata, mas sim processual.

Como pontos importantes a serem considerados e aprofundados a respeito da questão metodológica para a perspectiva adotada, identificamos as categorias e noções de mediação, historicidade, pensamento, linguagem, sentido e significado.

Aguiar e Ozella (2013) ao tratar da mediação, referem-se: “a uma instância que relaciona objetos, processos ou situações entre si; a partir daí, o conceito designará um elemento que viabiliza a realização de outro que, embora distinto dele, garante a sua efetivação, dando-lhe concretude” (SEVERINO, 2002, apud AGUIAR, 2013, p.

302). Assim, entende-se que a categoria mediação não tem função de apenas ligar a singularidade e a universalidade, mas de ser o centro organizador objetivo dessa relação. Nos possibilita a noção de um elemento/processo em uma relação que até então era vista como direta, nos permitindo pensar em objetos/processos ausentes até então.

Mediação aqui portanto, refere-se a uma categoria que nos permite: romper com as dicotomias interno/externo, objetivo/subjetivo, significado/sentido - entendendo que não podem ser vistas numa relação dicotômica e imediata, mas como elementos que, apesar de diferentes, se constituem mutuamente possibilitando um a existência do outro numa relação de mediação; nos afastar de perspectivas naturalizantes que se baseiam numa concepção de homem fundada na existência de uma essência metafísica; e também, nos possibilita uma análise das determinações inseridas num processo dialético, portanto não causal, linear e imediato, mas no qual as determinações são entendidas como elementos constitutivos do sujeito, como mediações. Desse modo, entendemos que o ser humano é um ser social e singular, síntese de múltiplas determinações, que nas relações com o social (universal), constitui sua singularidade através das mediações sociais (particularidades/circunstâncias específicas), portanto a universalidade se concretiza na singularidade, tendo a particularidade como mediação.

Em relação à historicidade, Aguiar e Ozella (2013) colocam que se trata de uma categoria fundamental deste pensamento metodológico pelo seu potencial de tratar da gênese e dos processos de transformação dos objetos, pois nos permite olhar para a realidade e pensá-la em movimento, e até apreender seu movimento. “O que é?” deixa de ser a pergunta principal em relação ao objeto para dar lugar à questão de “como surgiu?”, “como se movimentou e se transformou?”. Como visto em Gonçalves e Bock (2018, p. 135 - 136), consideramos que esta categoria se configura como a base da abordagem teórica-metodológica em questão, que tem como ponto de partida:

(...) uma compreensão de ser humano definida a partir do trabalho, atividade de transformação da natureza, por meio da qual produz e reproduz a própria existência. Atividade que se dá dentro de relações sociais que vão sendo configuradas de formas diferentes em função do desenvolvimento do próprio trabalho e de tudo que envolve: exploração da natureza e produção de ferramentas; produção de conhecimento e tecnologia; divisão do trabalho; propriedade dos meios de produção e apropriação do produto do trabalho. A forma

como todos esses elementos se desenvolvem e se modificam altera o próprio ser humano. Aí está o caráter processual que define a história. O caráter contraditório advém do contraponto que se dá, no processo, entre aspectos intrínsecos a ele e, ao mesmo tempo, contrários entre si. Como a exploração cada vez mais profunda e ampla de recursos naturais e a complexificação das necessidades humanas; ou a complexificação cada vez maior dos instrumentos e ferramentas e a identificação de limites postos ao ser humano; ou as possibilidades cada vez maiores de responder a esses limites e demandas com aquilo que se produz e o impedimento de acesso aos recursos, à riqueza, aos bens produzidos, a parcelas significativas dos seres humanos. Este último contraponto indica uma característica da história humana, produzida a partir de formas particulares de organização do trabalho, que é a divisão da sociedade em grupos antagônicos, definindo lugares sociais qualitativamente diferentes, para diferentes grupos e opondo seus interesses. Ou seja, a divisão em classes sociais. Trata-se de uma característica da história que contém um conteúdo determinado, que expressa os lugares contraditórios ocupados pelos diferentes grupos, as relações de dominação que daí decorrem e, consequentemente, os interesses contrários que os representam. (GONÇALVES; BOCK, 2018, pág. 135 - 136.)

Para tratarmos da discussão dos sentidos e significados, Aguiar e Ozella (2013) indicam como um tema preliminar a relação pensamento/linguagem. A partir das discussões apresentadas sobre a constituição dialética do sujeito, não devemos pensar o plano individual como mera transposição do social, mas considerarmos a linguagem como um instrumento fundamental na constituição do sujeito, à medida que permite que o plano individual modifique o social, transformando-o em psicológico e assim criando a possibilidade do novo. A palavra, signo por excelência, representa o objeto na consciência, à medida que o pensamento se realiza na palavra constituída de significações. Na visão dos autores, os Signos, entendidos como instrumentos convencionais de natureza social, são os meios de contato com o mundo exterior e, também, do ser humano consigo mesmo e com a própria consciência. Seriam então instrumentos psicológicos constitutivos do pensamento, não só para comunicação, mas também como meio de atividade interna. Assim, consideram que os signos representam uma forma privilegiada de apreensão do ser, pensar e agir do sujeito.

Para tratar da relação pensamento/linguagem, Aguiar e Ozella (2013) retomam Vigotski ao considerar que o pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza, podendo, muitas vezes, o pensamento fracassar, não se realizando como palavra. Assim, para que se possa compreender o pensamento, aqui entendido como sempre carregado de emoção, devemos analisar o seu processo, que se expressa na palavra dotada de significado, e ao apreender o significado da palavra, vamos nos

aproximando do movimento do pensamento. Assim, entendemos que a relação pensamento/linguagem necessariamente é uma relação de mediação, na qual ao mesmo tempo que um elemento não se confunde com o outro, não pode ser compreendido sem o outro, onde um constitui o outro. Desta maneira, os autores concluem que o pensamento passa por muitas transformações para ser expresso em palavras, entendendo que a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado e o sentido, sendo necessário portanto, a compreensão das categorias de significado e sentido para que possamos melhor compreender a relação pensamento/linguagem.

Antes de adentrarmos as categorias de significado e sentido, importante ressaltar que, apesar de serem diferentes, de não perderem sua singularidade (fato que nos leva a discuti-las separadamente), não podem ser compreendidas descoladas uma da outra, pois uma não é sem a outra. A atividade humana é sempre significada, tanto as atividades externas quanto as internas operam com os significados. Através da atividade, o homem transforma a natureza e a si mesmo, de modo que os processos de produção cultural, social e pessoal tem como elemento constitutivo os significados. Nessa perspectiva, Vigotski (2001 apud AGUIAR; OZELLA, 2013) lembra que o que internalizamos não é o gesto como materialidade do movimento, mas a sua significação, a qual tem o poder de transformar o natural em cultural. Os significados são, portanto, produções históricas e sociais, que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências. Referem-se assim, aos conteúdos instituídos e compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades, porém, também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza interior se modifica, alterando, conseqüentemente, a relação que mantém com o pensamento, entendido aqui como um processo.

Assim, para tratarmos de significado e sentido, é preciso compreendê-los como sendo constituídos pela unidade contraditória existente na relação do simbólico e do emocional. Os significados contêm mais do que aparentam, e através de um trabalho de análise e interpretação, podemos nos aproximar das zonas mais instáveis, fluidas e profundas, isto é, para as zonas de sentido. Assim, afirmamos que o sentido é muito mais amplo que o significado, pois o sentido constitui a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz perante a realidade. Para avançarmos na compreensão do ser e dos seus sentidos, temos que considerar nas nossas análises que todas as expressões humanas são cognitivas e afetivas, não podendo desvincular

o pensamento do afeto, sob risco de fechar-se para a análise das causas do pensamento, pois tal análise implica necessariamente a revelação dos motivos, necessidades e interesses que orientam o seu movimento. Como coloca Namura (2003 apud AGUIAR; OZELLA, 2006 p. 227):

A análise da relação do sentido com a palavra mostrou que o sentido de uma palavra nunca é completo, é determinado, no fim das contas, por toda a riqueza dos momentos existentes na consciência. [...] o sentido da palavra é inesgotável porque é contextualizado em relação à obra do autor, mas também na compreensão do mundo e no conjunto da estrutura interior do indivíduo.

Importante destacar que a compreensão de subjetividade aqui adotada se refere à possibilidade humana de organizar experiências convertidas em sentidos, portanto à dimensão subjetiva da realidade objetiva. Neste sentido, nos alinhamos com Aguiar e Ozella e o caminho que propõem para apreender o processo constitutivo dos sentidos, bem como os elementos que engendram este processo, considerando que a categoria *sentido* destaca a singularidade historicamente construída e refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade. Assim, propõem uma apropriação daquilo que diz respeito ao sujeito, mesmo quando não colocado explícita ou intencionalmente, mas daquilo que representa o novo, configurado pela sua singularidade, unicidade histórica e social, revelação das suas possibilidades de criação. Em tal aspecto, o sentido se aproxima da subjetividade, conforme expressa a unidade de todos os processos cognitivos, afetivos e biológicos. Temos, portanto, a possibilidade de um processo específico em torno dos sentidos, constituídos a partir de complexas reorganizações e arranjos em que os elementos e vivências afetivas e cognitivas do sujeito são mobilizadas e acionadas. Portanto, como afirma Aguiar et al. (2009 apud AGUIAR; OZELLA, 2013 p. 305), “falar de sentidos é falar de subjetividade, da dialética afetivo/cognitivo, é falar de um sujeito não diluído, de um sujeito histórico e singular ao mesmo tempo”.

Considerando tal perspectiva epistemológica, consideramos importante estudar a Festa de São João do município interiorano Joanópolis, por ser uma expressão cultural que pode ser analisada pela psicologia sócio-histórica enquanto fenômeno social e histórico potente em nosso país, bastante difundido e difuso considerando as particularidades regionais e territoriais que o constituem.

1.2. Concepções de cultura adotadas

Antes de adentrar nas considerações teóricas sobre espaço, território, territorialidade e contextualizar a história do município, se faz importante demarcar a noção de cultura adotada durante a construção do trabalho em questão. Partimos da coleção de vídeos *Viva Cultura Viva - Cultura e Educação*, VIVA (2012) que integra o projeto *Prêmio Cultura Viva - Formação*, uma iniciativa do Ministério da Cultura. Desenvolvida por Alfredo Manevy, Renato Janine Ribeiro, Juca Ferreira, Danilo Santos de Miranda e Gilberto Gil com o objetivo de difundir conceitos e promover reflexões sobre questões relacionadas ao campo da cultura em suas diferentes dimensões: o processo criativo, as artes, a participação cidadã, a sustentabilidade, as redes sociais, a cultura digital, a educação, entre outras.

Alfredo Manevy inicia abordando a origem da palavra cultura, relacionando-a ao conceito de cultivo, que por sua vez, tem uma tradição ancestral na humanidade ligada ao domínio da agricultura e a possibilidade de cultivar algo. Assim, considera que a cultura advém dessa ideia tradicional de cultivar a terra, cultivar a natureza, cultivar algo que permanece, que tem sazonalidade, que tem estações, que têm ciclos, e que se desenvolve. Superando as visões dicotômicas que trabalham cultura em oposição à natureza, considera a leitura contemporânea de cultura como inserida dentro do ambiente, cultura dentro da própria relação com a natureza. Assim, cultura não é concebida enquanto arte, mas a arte enquanto parte da cultura, uma expressão vital da cultura, porém a cultura vai além das artes. Cultura no sentido antropológico são todos os saberes, fazeres, pensares, tudo aquilo que mexe com o imaginário, que carrega essa marca da ação da sociedade e do homem. Nas palavras de Alfredo Manevy, secretário executivo do Ministério da cultura:

Uma política cultural tem que ter uma atenção natural com patrimônio, com memória, com passado, com tudo aquilo que nos forma, mas muito atento a esse futuro, a esse dinamismo, a essa construção incessante de nós mesmos como brasileiros, como sociedade e dentro de uma lógica de cidadão do mundo cada vez mais. (VIVA, 2012, 10:24 - 10:48)

Danilo Santos de Miranda, Sociólogo, Filósofo e Diretor Regional do SESC São Paulo, reflete sobre como, muitas vezes em nome de preservar a cultura popular não se admite tratar daquilo que é novo e diferente, enquanto, por outro lado tentar impor

uma cultura nova em um lugar tradicional também produz violências. Importante atentarmos para a noção de que a cultura tradicional ou popular não significa uma herança estanque, mas sim um processo vivo, em constante construção, no qual as pessoas podem ser pensadas ao mesmo tempo como produtoras e consumidoras de cultura. Trata-se de um dilema contemporâneo na área da cultura que requer inteligência e cuidado. Em suas palavras:

Cultura é, por assim dizer, toda a experiência acumulada e toda a possibilidade e a perspectiva do futuro. Seja do ponto de vista, dos conhecimentos sobre a terra, sobre o meio ambiente, sobre o dia a dia, sobre o como fazer, como viver, como se alimentar, como se vestir, como morar, como enfim, tudo. (...) Seja com relação com aquilo que a gente imagina para nós, para o futuro, aquilo do chamado imaginário, aquilo que a gente tem de mais, digamos, interior, não material. Então, a cultura lida com o material e com o imaterial, e naturalmente lida com tudo. (VIVA, 2012, 2:58 - 3:42)

Na FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) de 2003, Gilberto Gil durante o início do seu mandato como Ministro da Cultura fala em vídeo (GIL, 2003) sobre a superação do preconceito com músicos populares, considerando que são pessoas de estatura como qualquer outra. Aborda a sua posição no cargo de ministro estando à altura dos músicos populares, assim como os músicos populares estão à altura do cargo. Contrariando a visão de que a cultura seja algo excepcional ou extraordinário, coloca-a como uma necessidade básica - carente de conscientização por parte dos governantes enquanto tal, assim como de responsabilidade coletiva e individual, afinal tudo é cultura, tudo é resultante de toda a acumulação de realizações múltiplas de um povo, por exemplo, a cultura política, cultura científica, cultura religiosa, entre outras, todas são cultura.

Em 2007, ainda Ministro da Cultura, Gilberto Gil discursou a respeito da luta pela diversidade cultural no Seminário Internacional sobre Diversidade Cultural. Em seu discurso (GIL, 2007), trata inicialmente da urgência por práticas que tragam novas formas de democratização e compartilhamento, inovando em usos diferenciados da tecnologia. Coloca que: “Há muita teoria para transformar em práticas concretas, mas também práticas inovadoras das quais podemos extrair conceitos novos que podem se transformar em uma teoria atual e produtiva”. (0:18 – 0:33) Em seguida, ao abordar o período do fim da guerra fria, contextualiza de maneira crítica os danos às instituições culturais internacionais que se produziram conforme se questionava o

papel do estado na formulação de políticas para o desenvolvimento, depositando nas forças autorreguladoras do mercado a promoção da pluralidade, liberdade, diversidade em nome do interesse público e do desenvolvimento social. Embora positivo e propositivo com relação ao futuro político do país, ao tratar do contexto internacional, em muitos aspectos quase que antecipa as intensas políticas de austeridade e o desmonte do incipiente estado de direito, seguridade e bem-estar social que estava por vir no Brasil. Assim, considerando o período desde o fim da guerra fria, Gilberto Gil em 2007 analisa que, como consequência da suspensão de incentivos, abandono de comunidades e desregulamentação dos mercados culturais, o resultado foi:

(...) a supressão da pluralidade nas produções, nas telas, nos rádios, nos meios de comunicação, na circulação e na presença social da cultura. Na área do cinema, muitos países em desenvolvimento viram as suas produções desaparecer das telas de cinema, após a demolição dos seus institutos. Mas o prognóstico do fim da história não se confirmou e a política hoje ressurgiu em muitas novas formas, atualizada em sua capilaridade, ganhando importância no agenciamento das diferenças, promovendo novos direitos dos homens frente às tecnologias, reconhecendo modos de existência simbólica e criando formas mais saudáveis de resolver conflitos. A luta pela diversidade é um fenômeno que emerge desse processo, e hoje ela quer se tornar uma convenção entre nossos povos, um acordo, um pacto de exercício de multilateralismo. Como nunca, as multidões que emergem nesse início de século XXI, querem uma cidadania plena, e realizam isso tornando-se sujeitos de sua própria história, sujeitos de sua própria memória, DJs de suas próprias músicas, capazes de produzir e remixar as narrativas de suas vidas. (GIL, 2007. 1:22 - 2:49)

1.3. Espaço, território e territorialização

Importante lembrar que as políticas públicas propriamente não constituem o objeto deste trabalho, mas como visto em Galvão et al. (2012), consideramos que num contexto como o brasileiro, no momento de passagem de uma fase inicial para outra mais avançada da globalização, políticas públicas tendem a ganhar maior efetividade se a preocupação com a dimensão espacial for trazida para o primeiro plano. Neste sentido, considerando a importância do papel do estado na formulação de políticas sociais em geral, se faz relevante abordarmos a noção de territorialidade enquanto um importante método de diagnóstico e formulação de políticas públicas, diferenciando os significados de noções como *espaço*, *território* e *territorialidade*, que

permitem operar diferentes políticas e estratégias de desenvolvimento para o enfrentamento dos graves problemas que ainda desafiam os brasileiros.

Galvão et al. (2012) para abordar a noção de espaço retomam a tarefa da geografia até o século XIX que buscava trazer uma descrição apropriada da terra. Tarefa esta, que com Kant (1756 - 1796), passou a considerar não só a noção geográfica de terra, mas também a população, incluindo as relações entre os indivíduos e os lugares. Desta forma, a relação entre a terra e população passou a ser traduzida na relação entre espaço e ser humano, dando origem a duas correntes na área da geografia, o determinismo geográfico e o possibilismo. A primeira está associada à difusão do termo *território* e concebe o ser humano como condicionado pelo ambiente físico em que vive, de modo que o espaço impõe as condições para a sobrevivência dos indivíduos. Já o possibilismo está associado à generalização do termo região e postulava que o ser humano gere o espaço em que vive, que o ambiente físico não impunha limitações à sobrevivência humana à priori, mas considera o ambiente físico como provedor de inúmeras possibilidades para que os indivíduos gerem condições adequadas para adaptá-lo às suas necessidades e exigências.

Segundo os autores, o termo espaço costuma ser associado à distância, vizinhança, distribuição, limites ou fronteiras. Podendo ser tratado enquanto uma divisão espacial do trabalho e referido a uma dada alocação econômica de recursos. Assim, o espaço econômico está relacionado à preocupação com a compreensão das lógicas que regem as interações entre as atividades econômicas e os lugares onde ocorrem. Espaço também pode se referir ao significado espacial de fenômenos sociais e/ou políticos relevantes. Além desses sentidos conhecidos de espaço, também se fala, já faz um tempo, de espaços virtuais e ciberespaços.

Deste modo, os autores colocam que o conceito de espaço mais difundido é o espaço absoluto, que pode ser considerado como uma coisa em si mesma, cuja existência é independente da matéria que o circunda. É o espaço utilizado como recipiente ou compartimento, em que se dispõem ou se deposita as coisas, adequada para tratar de questões de propriedade e delimitação de fronteiras. Contudo, o espaço também pode ser considerado como uma relação de objetos, isto é, o espaço relativo, uma interação entre coisas, que ocorre precisamente, por causa das coisas existentes, que se relacionam umas com as outras. Há também, um espaço que está contido nas coisas mesmas, o espaço relacional, em face do qual um objeto existe

apenas na medida em que contém (e representa em si mesmo) relações com outros objetos, como visto em Harvey (1973, p. 13 apud GALVÃO et al., 2012, p. 58).

Partindo desta perspectiva, o espaço geográfico pode ser considerado muitas coisas, reduzido a um recipiente que se deposita e esvazia com relações econômicas e materiais, ou a uma relação entre coisas, porém uma compreensão mais apropriada deve considerar o espaço enquanto uma condição primária da existência humana. Por isso, é necessário atentarmos simultaneamente para as três concepções de espaço descritas, tomando-as em tensão dialética umas com as outras, procurando captar a realidade factual como resultado da interconexão entre elas.

A partir da geografia crítica em Harvey (1982, apud GALVÃO et al., 2012, p. 60), podemos considerar o espaço como elemento integrante da realidade material, produzido e reproduzido na ordem social. Nesta perspectiva, recorre-se à história para retirar substratos para compor uma análise contextual das relações sociais, enfatizando-se as econômicas, com especial atenção à organização espacial da sociedade. Assim, a categoria de *espaço construído* permite demarcar seu objeto de estudo como um atributo social, na localização das atividades humanas socialmente produzidas.

Como visto em Gondim (2009), o termo território origina-se do latim *territorium*, e nasce com dupla conotação, material e simbólica, visto que etimologicamente aparece muito próximo de terra-territorium quanto de terreo-terror (terror, aterrorizar). Assim, o termo *território* tem relação com a dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do medo, do terror – em especial para aqueles que se tornam excluídos e separados da terra, subjugados à dominação, ou são impedidos de entrar no ‘territorium’. Já para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, podemos considerar que o território inspira a possibilidade de identificação positiva e sua apropriação.

Quando se analisam os coletivos humanos ao longo da história, Nunes (2006 apud GONDIM, 2009, s. p.) aponta que só se destaca a noção de território a partir das primeiras sociedades políticas, na qual os indivíduos se articulam por meio de relações reguladas e possuem princípios mínimos de organização para se viabilizar. Organização que requer um poder habilitado a coordenar aqueles que se encontram em determinado espaço, corroborando a hipótese de que um elemento indissociável da noção de poder é o território. Assim, consideramos a concepção de território a partir da vida em sociedade, de contextos nos quais exista uma pluralidade de agentes sociais. Souza (1995, apud GONDIM, 2009, s. p.) afirma que “os territórios [...] são no

fundo, antes relações sociais projetadas no espaço, que espaços concretos.” Dessa maneira, o território materializa as articulações estruturais e conjunturais a que os grupos sociais e indivíduos estão submetidos num determinado contexto, tempo histórico e modos de produção vigentes.

A partir de Raffestin (1993, apud GONDIM, 2009, s. p.), podemos tomar o território como “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Quando coexistem em um mesmo espaço várias relações de poder dá-se o nome de *territorialidades*, de modo que uma área que abriga várias territorialidades pode ser considerada vários territórios. Na sua visão, a configuração do território no espaço ocorre a partir da ação de um ator social ou conjunto de atores que realiza determinado programa, se apropriando do espaço, de maneira concreta ou abstrata, territorializando o espaço.

Quanto à noção de territorialidade, na visão de Robert Sack (1986 apud GONDIM, 2009, s. p.) e refere a uma estratégia dos indivíduos ou grupo social para influenciar ou controlar recursos, pessoas, fenômenos e relações, delimitando e efetivando o controle sobre uma determinada área. O autor considera que a territorialidade é uma expressão geográfica do exercício do poder em uma determinada área, isto é, o território. Portanto, *território* é resultado das relações políticas, econômicas e culturais, podendo assumir diferentes configurações, criar heterogeneidades espaciais, paisagísticas e culturais.

Por fim, Gondim (2009) apresenta uma proposta transformadora de saberes e práticas locais que concebem a territorialização de forma ampla, e o “território como uma categoria de análise social” (SOUZA, 2004, página 70, apud GONDIM, 2009, s.p.) isto é, territorialização enquanto um processo de habitar e vivenciar um território; uma técnica e um método para a obtenção e análise de informações sobre as condições de vida e saúde de populações; um instrumento para se entender os contextos de uso do território em todos os níveis das atividades humanas (econômicos, sociais, culturais, políticos etc.). Nesta perspectiva, Gondim (2009) afirma que a análise social do território poderá contribuir para construir identidades; revelar subjetividades; coletar informações; identificar problemas, necessidades e positivities dos lugares; contribuindo para o processo de construção de estratégias coletivas, tomadas de decisão e elaboração de políticas futuras.

1.4. Histórico da Festa de São João

As tradicionais festas juninas compõem um importante evento da cultura popular portuguesa, incorporados pela cultura brasileira durante a época colonial. De acordo com informações publicadas no site da Confederação Nacional de Municípios (CNM, 2016), agência com informações do Ministério do Turismo, São João se configura como o segundo festejo popular mais comemorado pelos brasileiros, ficando atrás somente do Carnaval. A partir de Rangel (2008), devemos considerar que as comemorações de cunho religioso, como o carnaval e a festa de São João, foram apropriadas significativamente pelo povo brasileiro de modo que, ao longo do século XX, o Carnaval constituiu uma das maiores expressões festivas do Brasil. As Festas de São João, Santo Antônio e São Pedro compõem um ciclo festivo que passou a ser conhecido como Festas Juninas, em homenagem aos santos católicos.

De acordo com Rangel (2008), comemorar o mês de junho é um hábito antigo, anterior ao surgimento da era cristã, remonta aos povos celtas, bretões, bascos, sardenhos, egípcios, persas, sírios, sumérios, germânicos e romanos da antiguidade ocidental que realizavam rituais para invocação de fertilidade, fartura, afastar pragas e maus espíritos das colheitas. Se reunindo durante o solstício de verão, celebrando no dia mais longo e noite mais curta do ano no hemisfério norte em reverência às divindades ligadas à fertilidade, com abundância de alimentos durante as comemorações, o incentivo a interações sexuais e a prática de atear fogueiras: "A veneração dos deuses da fecundidade era manifesta por meio de práticas consideradas sagradas (como ritos e cerimônias) e profanas (como festas e orgias)." (NEVES, 2017, p.87).

Durante a transição da idade antiga para a idade média, com a cristianização dos povos romanos durante séculos, essas festividades foram sendo assimiladas pela igreja católica que substituiu o seu caráter pagão pelos santos, homenageando o nascimento de São João Batista no dia 24 de junho, depois incluindo ao calendário tributos a Santo Antônio dia 13 de junho, e ao São Pedro e São Paulo no dia 29.

Os rituais de fertilidade perduraram através dos tempos. Na era cristã, mesmo que fossem considerados pagãos, não era mais possível acabar com ele. Segundo Frazer, é por esse motivo que a Igreja Católica, em vez de condená-los, os adapta às comemorações do dia de São João, que teria nascido em 24 de junho, dia do solstício. (RANGEL, 2008, p.16)

Neves (2017) ao fazer uma interpretação da fogueira de São João sob a perspectiva da análise do comportamento, especulando sobre os processos comportamentais envolvidos em atear fogueiras na noite de São João, concluiu que as práticas envolvidas nas festas de São João derivam de diversas culturas, com origens que remontam aos festivais de fertilidade e que a fogueira fora um dos elementos centrais em tais rituais de fertilidade que articularam a cooperação produtiva, a coesão do grupo e o incentivo sexual. Além disso, analisa como a fogueira foi associada a novas simbologias por parte do catolicismo, integrando-a em uma nova rede relacional simbólica não antagônica aos ideais cristãos como nas práticas pagãs, mas com estímulos católicos.

No período colonial, as festas juninas eram bastante populares na península ibérica e as festas de São João já ocupavam uma centralidade nas comemorações de junho. Foram introduzidas no território brasileiro pela colonização portuguesa como “Festas Juninas” em referência ao mês de junho, sendo inicialmente chamada em alguns países da Europa de “Festas Joaninas” em referência a São João. De acordo com Fernandes Claudio (acesso em 21 de maio de 2021), a prática do acendimento da fogueira na noite de 23 para 24 de junho foi trazida pelos jesuítas.

Tal prática foi com o tempo associada a outras tradições populares, como o forrobodó africano (espécie de dança de arrasta-pé), que daria no forró nordestino, e a quadrilha caipira, que herdou elementos de bailes populares da Europa – palavras como “anarriê”, “alavantú” e “balancê”, por exemplo, são adaptações de termos de bailes populares da França. Com o passar do tempo, o evento ficou marcado não só pelo seu caráter religioso, mas enquanto uma celebração popular também associada a símbolos típicos das zonas rurais brasileiras. (FERNANDES, s. d., p.1)

Assim, além de manter as tradições religiosas como a celebração dos santos, o evento reúne aspectos da cultura tradicional interiorana e sertaneja do Brasil, abrangendo elementos culturais históricos das culturas africanas, indígenas e europeias. Diferentemente dos seus locais de origem, a festa de São João no hemisfério sul ocorre durante o dia mais curto e noite mais longa do ano, coincidindo com o início do inverno, período em que os povos indígenas realizavam rituais referentes a fertilidade e agradecendo a fartura, por ser um período propício para a preparação de novos plantios, mas em que as roçadas e colheitas do ano anterior ainda vigoravam.

Rangel (2008) pontua também a técnica de oivara difundida entre os povos do continente americano, que consiste em queimar ramagens para limpar o terreno, adubar a terra com as cinzas e em seguida começar o plantio, além de ser utilizado para afastar espíritos malignos, de certo modo coincidiu práticas rituais indígenas com o propósito católico de atrair os índios ao convívio missionário catequético, simbolizados pelas fogueiras de São João. Outro aspecto importante de ser considerado pontuado por Rangel (2008) relacionado à sociabilidade é o fato de até 1950, 70% da população vivia na zona rural (hoje mais de 70% vive nas cidades), de modo que historicamente as relações familiares foram complementadas pela instituição do compadrio que servia para integrar outras pessoas à família e beneficiar os patrões com compadres e afilhados leais nas relações de trabalho e campanhas políticas, estreitando laços entre vizinhos, patrões e empregados. Havia duas formas de tornar-se compadre e comadre, uma que vigora até hoje, por meio do batismo, a outra, por meio da fogueira.

O crescimento da festa no país se deu sobretudo na região do nordeste, como é o caso de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB), consideradas por Rangel (2008) as maiores festas de São João por atrair o maior número de visitantes tanto no Brasil como no mundo. De acordo com Amaral (1998), a disputa entre as cidades se dá pelo título de “Capital do Forró”. Além da região nordeste, o interior do estado de São Paulo também configura uma região conhecida pelas festividades em junho, conservando tradições e aspectos culturais como a realização das quermesses, danças de quadrilha ao redor da fogueira, assim como a culinária local mantém pratos típicos da celebração como a paçoca, pamonha, pé de moleque, pinhão, bolinho caipira, pastel, canjica, entre outros.

1.5. Contextualização da história do município de Joanópolis

O município de Joanópolis especificamente, é caracterizado por ser uma pequena cidade com ruas de paralelepípedo rodeado por extensas zonas rurais, que se situa na fronteira entre o estado de São Paulo e Minas Gerais. A sua história retoma desde a formação de um arraial pelos bandeirantes entre 1730 e 1740 conhecido como “Bairro de Jacarei” durante sua formação incipiente e em seguida, “Bairro do

Curralinho” devido a formação geográfica rodeada pela Serra da Mantiqueira em um formato parecido com uma ferradura ou curral.

De acordo com dados encontrados no site do CIESP (2021), em 24 de junho de 1878, os moradores que habitavam a região entre os rios Jaguari e Cachoeira reuniram-se nas terras de Domingos Fernandes de Almeida para festejar São João Batista, erguendo uma cruz e escolhendo dois participantes para organizar anualmente o festejo, Anselmo Gonçalves Caparica e Ambrosina Pinto. Ali, João José Baptista Nogueira e Luiz Antônio Figueiredo doaram 4,5 alqueires de terra para formação de um povoado, construindo a capela de São João do Curralinho do município de Santo Antônio da Cachoeira (atual Piracaia). Assim, na Festa de São João de Joanópolis, que acontece há mais de 140 anos, também se celebra o aniversário da cidade.

Após a criação do bairro e início da construção do que viria a ser a cidade, e também com a expansão da indústria cafeeira, em pouco anos São João do Curralinho foi elevado à categoria de município (19 de dezembro de 1906) e posteriormente passou a se chamar de Joanópolis (Cidade de João) - em 18 de dezembro de 1917, em homenagem ao padroeiro São João Batista, homenageado na Festa de São João. No ano de 2000, passou a ser considerada Estância Turística pelo Estado de São Paulo, por conta de suas sinuosas ruas, arquitetura das casas, belezas paisagísticas, grande biodiversidade, aspecto histórico, patrimônio material e imaterial.

Um outro marco cultural importante do município é a sua ligação com a figura do lobisomem. A presença de histórias e antigas lendas de lobisomens que rondam através dos moradores da cidade instigou uma tese de mestrado “*Lobisomem: assombração e realidade*”, publicado em 1983 pela autora Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima, diretora do museu do folclore de São Paulo que fortaleceu fortemente o aspecto turístico do município. No artigo “*O Mítico como produto turístico: o caso do lobisomem da Estância Turística de Joanópolis*” (GONÇALVES; PIMENTEL; VIOLIN, 2018) os autores analisam o aspecto mítico das histórias de lobisomem enquanto um atrativo turístico através de um empreendimento do município, o *Botequim da Cachaça*. Também conhecido como *Boteco do Lobisomem*, a pesquisa analisou o estabelecimento em questão enquanto um empreendimento que, como muitos outros, foi conduzido a se modificar enquanto um atrativo em si, aferindo o papel do mítico enquanto um produto turístico capaz de constituição da imagem de um destino para atrair público.

A Estância Turística de Joanópolis se localiza na Serra da Mantiqueira, fazendo divisa com os municípios de Extrema (MG), Itapeva (MG) e Piracaia (SP). Trata-se de um município de porte pequeno, de população média de 11.768 habitantes (censo realizado em 2010) e, 12.725 habitantes em 2015 segundo estimativas (IBGE, 2015). Sua economia tem base na pecuária, produção agrícola, comércio e serviços, bem como na atividade turística.

Entendemos que existe uma carência por políticas públicas nas zonas rurais do município, uma vez que estas se concentram no centro da cidade e dificilmente acessam as zonas rurais mais afastadas. Alguns moradores que residem nas zonas rurais possuem dificuldades para acessar os serviços do centro devido a distância e falta de transporte público. Muitos moradores que residem nas zonas rurais mais afastadas preferem recorrer a outros municípios nas redondezas que possuem, por exemplo, maior disponibilidade de serviços e equipamentos de saúde.

Partindo do alcance amplo que a Festa de São João de Joanópolis apresenta, trazendo dezenas de milhares de pessoas de diferentes locais para a celebração, pode-se considerar que o evento se configura enquanto um importante fenômeno para a comunidade, a economia local e a aproximação dos diferentes atores sociais do território. Considerando o contexto de pandemia, e o fato de eventos culturais que geram aglomerações serem inviáveis, o evento oficial no município nos anos de 2020 e 2021 foi inviabilizado e realizado de maneira remota, com transmissão de apresentações artísticas locais nas redes sociais da prefeitura do município, e também com *delivery* das comidas típicas geralmente comercializadas durante a festa.

A partir do exposto acima, sobre a Festa de São João e as considerações acerca da Psicologia Sócio-Histórica, considerando também o atual contexto da pandemia, este trabalho irá tratar das significações - sentidos e significados - atribuídos por atores sociais que compõem a Festa de São João de Joanópolis, investigando de quais maneiras a ausência dessa celebração impactou aos moradores do município, procurando conhecer os sentidos e significados atribuídos ao evento, assim como, investigar o papel atribuído e desempenhado pela cultura local na Festa de São João.

Como objetivos específicos a serem compreendidos, ficam: conhecer as significações que os entrevistados atribuem à organização e participação social durante o evento; Identificar a partir dos relatos e análises, de quais maneiras a ausência da celebração coletiva afeta as relações que os entrevistados possuem com

o evento e entre os moradores da cidade; Escutar de quais maneiras os entrevistados tratam dos eventos virtuais durante junho de 2020 e 2021; Identificar expectativas dos entrevistados para os eventos futuros; Compreender o que as significações atribuídas ao evento têm a dizer sobre os processos de produção de cultura do município.

2. Método

2.1. Desenho da Pesquisa

O método adotado para a construção do trabalho em questão fora de realizar uma pesquisa qualitativa, que na visão de Deslandes (2013, p. 21) "trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, e das atitudes." De modo complementar, temos na visão de Queiroz (2007), que esta forma de pesquisa "tem como foco de estudo o processo vivenciado pelos sujeitos" (p. 276), de modo que a sua realidade se dá a partir do quadro referencial dos próprios sujeitos do estudo, cabendo ao pesquisador não apenas descrever comportamentos, mas decifrar o significado da ação humana. Assim, o autor propõe que o procedimento da observação participante pode auxiliar o pesquisador a analisar a realidade social que o rodeia, captar conflitos e tensões existentes entre os diferentes grupos sociais e identificar quais grupos sociais que têm em si a sensibilidade e motivação para realizar mudanças.

2.2. Procedimento de coleta de informações

O método de coleta de informações utilizado se deu através do diálogo com lideranças locais, sem representação legal, mas significativos para a comunidade local, buscando identificar possíveis sujeitos para compor a amostra, e participar da pesquisa através de entrevistas semidirigidas. As entrevistas foram realizadas com residentes da cidade de Joanópolis e/ou região, envolvidas ou não com a organização da Festa de São João, mas que participaram de diversas edições. Os instrumentos adotados para a construção deste trabalho consistiram em um diário de campo para registro dos primeiros contatos com as lideranças locais, assim como para a elaboração de reflexões que foram surgindo durante o processo. Além deste, também utilizei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um gravador de voz para assegurar e registrar as entrevistas. As narrativas colhidas foram transcritas para a organização e sistematização dos conteúdos. O local escolhido para as entrevistas foi combinado com cada um dos participantes, dentro daquilo que lhes foi viável. Independente do combinado com cada um, critérios foram adotados para preservar a

identidade e garantir o sigilo das informações prestadas. Considerando as desigualdades regionais e os múltiplos contextos culturais, o foco deste trabalho foi investigar como os sentidos e significados atribuídos ao evento cultural se constituem frente ao que o evento já produziu e como estes são expressos atualmente frente a ausência da celebração coletiva durante a pandemia. Além de tratar dos sentidos e significados do evento amplo e oficial para os indivíduos frente a sua ausência, procuramos investigar as celebrações nos anos de 2020 e 2021, como eventuais encontros menores e eventos virtuais, buscando compreender como os sujeitos se sentiram durante a época, como passaram a significar o evento e o que esperam para as Festas de São João futuras.

Como base para as entrevistas, foram pré-estabelecidos diferentes eixos temáticos a partir da aproximação do pesquisador com o tema, tanto em relação aos referenciais teóricos, como a partir das questões que foram surgindo no processo de aproximação aos participantes, registrado no caderno de campo, e durante o decorrer das entrevistas. Assim, conforme o desenvolver da pesquisa, o modo de abordar cada eixo temático teve alterações, assim como foram incluídos novos eixos temáticos para posterior análise. Ao final, estes eixos temáticos nortearam na análise dos pré indicadores e constituição dos sentidos e significados - núcleos de significação atribuídos ao evento e sua ausência.

Como base para as entrevistas, foram pré estabelecidos os seguintes eixos temáticos que dessem conta de compreender uma apresentação e história pessoal, no sentido de caracterizar o participante a partir de seu nome, idade, tempo de residência em Joanópolis. Além disso, a compreensão dos hábitos e tradição local da festa (a partir de perguntas como: Como começou a frequentar a festa de São João? Qual a importância do evento para você, sua família, e para a região? Quais atividades você costuma fazer durante o período de São João? Quais foram os eventos, momentos mais marcantes da festa de São João para você e sua família? Por quê?). Em seguida a compreensão da ausência de evento amplo e oficial, bem como as consequências da pandemia (Como foi o período de junho de 2020? e 2021? Você celebrou o São João neste período? Como foi? O fato de não ter tido festa de São João te afetou de algum jeito?). Buscou-se contemplar também as expectativas futuras (O que você espera para a festa de São João deste ano? E para as festas de São João futuras? Você tem medo da Festa de São João não voltar?). Por fim, deixou-

se espaço para que o participante fizesse comentários, acrescentando o que desejasse.

2.3. Metodologia de análise dos relatos

A partir dos relatos coletados, analisamos o material e construímos os núcleos de significação a partir da metodologia explicitada no texto de Aguiar e Ozella (2013). Através de uma leitura flutuante inicial, separei pré-indicadores, trechos ou expressões de destaque que compõem significados que explicitam as condições do sujeito e partem das suas experiências empíricas, seja por conterem grande carga emocional, ou por revelar aspectos relacionados ao objetivo da pesquisa. Estes serviram para a leitura de aspectos dos sujeitos para futuramente compor núcleos de significação. Em seguida, aglutinamos os pré-indicadores em temas em comum seja por similaridade, contraposição ou complementaridade formando os indicadores, para que fosse possível analisar as temáticas que surgiram do discurso e vivências de cada indivíduo. Ao final, formulamos núcleos de significação a partir de tais indicadores, considerando os sentidos que foram possíveis de serem levantados durante todo esse processo e a sua relevância para os objetivos da pesquisa.

2.4. Questões éticas

A busca dos atores sociais para a realização das entrevistas foi feita após a submissão e aprovação do projeto na Plataforma Brasil, garantindo que a pesquisa estivesse de acordo com as instâncias da área de pesquisa da faculdade e com o solicitado pelo Comitê de Ética. Assim, a pesquisa em questão se atentou ao cumprimento dos cuidados éticos previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

Após a aprovação da pesquisa e do seu Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), iniciamos o primeiro contato com os atores entrevistados, onde se explicou o interesse em entrevistá-los como parte de uma pesquisa acadêmica. Considera-se que em toda pesquisa com seres humanos há algum risco. Entrar em contato com perguntas que antes não foram alvo de discussão, podem gerar incômodo, pois são referentes à realidade dos participantes. Cuidados foram tomados

para minimizar o desconforto gerado durante a entrevista, buscando proporcionar no encontro um ambiente acolhedor e respeitoso, no qual se sentissem confortáveis para se expressar livremente. O entrevistador se preparou para, eventualmente, identificar e acolher de maneira respeitosa eventuais sentimentos que viessem a surgir. Conforme solicitado, foi apresentado no início do encontro o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) garantindo que os participantes tivessem tempo de lê-lo, tirar eventuais dúvidas e assiná-lo. Como consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ao abordar o instrumento de coleta de dados (gravador), foi dito que os entrevistados poderiam solicitar a interrupção da entrevista ou que interrompesse a gravação do áudio a qualquer momento, respeitando assim as normativas éticas. Assim como, caso não se sentissem à vontade de responder a eventuais questões, poderiam não responder.

3. Resultados

O contato com a cidade de Joanópolis se deu pela primeira vez no ano de 2016, quando fomos convidados por amigos de Bragança Paulista a ir passar um final de semana na residência de um conhecido que viria a se tornar um grande amigo e irmão. A partir dali nos acostumamos a sair de São Paulo para ir ao encontro da paisagem e dos novos amigos. Ao longo dos anos, estive na Festas de São João de Joanópolis em duas ocasiões e as memórias são eternas. Durante a pandemia, passei alguns meses no bairro rural Sertãozinho, onde comecei a elaborar o trabalho em questão. Na época, ainda não havíamos noção da possibilidade de a festa retornar, ao passo que no momento da pesquisa de campo (abril de 2022), os entrevistados já consideram que em breve irá retornar a Festa de São João na cidade.

Através dos amigos e conhecidos que conhecíamos na cidade, procuramos indicações de figuras locais com conhecimento a respeito da Festa de São João e da história do município para me aproximar. Ao decorrer do mapeamento inicial, nos deparamos com duas obras literárias bastante ricas que ampliaram a compreensão a respeito da cultura e linguagem local, a história da cidade e a importância da festa no processo de fundação do município.

A primeira delas foi um pequeno livro vendido em alguns comércios da cidade intitulado "Pequeno Vocabulário Joanopolense - Uma contribuição para manter viva nossas raízes" organizado por Glauco M. Bueno (2008). Ao ficar instigado com o linguajar local, passou a anotar as palavras que não conhecia ou que lhe soavam estranhas. Os seus vizinhos do bairro do Sertãozinho notaram seu hábito e começaram a participar ativamente, lhe trazendo palavras e expressões em pequenos pedaços de papel. Após organizá-lo em forma de um pequeno vocabulário passou a confrontar o sentido local com os dicionários de referência, encontrando palavras das línguas italiana, árabe, francesa, do continente africano, português antigo e tupi-guarani. Em seguida, passou a colher *Sabenças*: histórias, crenças, superstições e expressões, e também a fundamentar a pesquisa bibliográfica a partir do acervo da Biblioteca Laura Della Mônica, em Joanópolis, onde se aproximou de registros de índios e bandeirantes, medicina popular, tupi-guarani, mapas antigos. A proposta original de um simples registro da cultura local foi se perdendo para um trabalho acadêmico, quando resolveu encerrar a pesquisa. Assim, podendo manter maior liberdade na grafia de certas palavras com pronúncias únicas, e no caso da

representação com nosso alfabeto da língua tupi-guarani, na qual não existe concordância, podendo representarem a mesma palavra com grafias distintas. De maneira geral, a leitura do livro serviu como forma de aproximação com a cultura local, trazendo diversas curiosidades e informações a respeito do folclore, assim como da linguagem e os modos de pronúncia local. A respeito da pronúncia e sotaque local, um dos entrevistados, em determinado momento da entrevista afirma;

Mas enfim, tem que saber a essência, tem que, não tem muito pra onde fugir, é o meio cara, como é que você vai negar o seu meio. Quando eu era mais gurizão, conheci uma menina de Caieiras e um dia eu fui lá e, começaram a rir do meu sotaque, eu quis mudar, pensei: "eu preciso aprender a falar direito." Comecei a ler, estudar, comecei a trabalhar em rádio, hoje em dia o que eu mais quero fazer é chegar perto desse povo e falar do jeito que eu falo, é o que eu mais quero, o que eu mais gosto de fazer. É tão gostoso, ninguém entende o que que você tá falando, às vezes você fala meio emendado as palavras. As pessoas tem que perguntar: 'mas como assim, o que que você falou? (Silvio)

Tendo em vista o curto período de pesquisa, infelizmente não foi possível conversar com todas as indicações pretendidas, mas suficientemente para abranger a análise dos principais conteúdos e objetivos aqui pretendidos. Importante destacar que os nomes referidos ao longo da pesquisa são fictícios visando garantir o sigilo das informações prestadas pelos informantes da pesquisa.

As entrevistas possíveis de ocorrer se deram, inicialmente, com o dono de um comércio do centro da cidade, aqui referido como Márcio, e em seguida um historiador com um vasto conhecimento sobre a fundação do município e a cultura festeira de Joanópolis, que contribuiu bastante na compreensão da historiografia e cultura do município, aqui referido como Manoel.

A partir da conversa com Manoel, fomos indicados para entrevistar a Helena, uma professora local que retratou a história da fundação da cidade e a primeira festa de São João através de uma peça teatral junto das crianças do colégio. Em seguida, entrevistamos Diego, um músico e professor criado em Joanópolis que atualmente reside fora, mas sempre retorna para a cidade na época de São João.

Ao final da pesquisa de campo, fomos convidados para um encontro de roda de cantoria em um sítio, onde entrevistamos Claudia, uma senhora dona de casa, capelã e cantadora, e também Luiz, um senhor cantador de viola caipira. Por fim, ainda não satisfeitos com a totalidade do material levantado até então, entrevistamos um

jovem músico, aqui referido como Silvio, que contribuiu amplamente para a discussão a respeito da importância de fortalecer a cultura local para além da festa.

Segue a relação dos/as informantes entrevistados/as.

Quadro 3.1 Caracterização dos entrevistados

Nome	Idade	Profissão / Ocupação na festa
Márcio	63 anos de idade	Comerciante
Manoel	54 anos de idade	Historiador
Helena	60 anos de idade	Educadora/Barraqueira
Diego	38 anos de idade	Professor/Músico
Claudia	64 anos de idade	Capelã/Cantadora
Luiz	70 anos de idade	Violeiro
Silvio	29 anos de idade	Músico

Fonte: Zeitlin (2022).

A análise das entrevistas por intermédio dos núcleos de significação foi baseada na metodologia proposta por Aguiar e Ozella (2013). Partindo do pressuposto de que a análise é construtiva, interpretativa e tem a finalidade de ultrapassar o fenômeno na sua aparência e assim atingir novas zonas de inteligibilidade, o procedimento para a organização dos núcleos de significação deu-se da seguinte forma: após a transcrição, foi realizada uma leitura flutuante das entrevistas e, a seguir, um levantamento dos principais temas/conteúdos que se destacaram. Tais temas se revelam/expressam em frases e dessas frases, que são sempre significadas em seu contexto, foram inferidos os pré-indicadores.

Concluída a primeira fase, passou-se para a aglutinação dos pré-indicadores, ou seja, dos diversos temas revelados na fala dos entrevistados, de acordo com os critérios de “semelhança”, “complementaridade” e “contraposição”. Tal procedimento permitiu a inferência e sistematização de alguns indicadores. Para efeito de melhor organização e visualização dos conteúdos, foi realizada uma separação temática dos indicadores, havendo: no Apêndice A um primeiro conjunto relativo à importância da Festa de São João para a população local e região e os significados atribuídos à tal fenômeno; no Apêndice B um segundo conjunto com indicadores relativos ao período pandêmico de ausência da festa (2020/2021); em seguida, no Apêndice C um bloco

relativo às expectativas e medos para o futuro da Festa de São João; e por fim, no Apêndice D um último bloco contendo os demais indicadores relativos às demandas, conflitos, proposições e sugestões possíveis de serem captadas nas entrevistas, para a cultura e organização da Festa de São João. Cada indicador ali presente traz consigo sentidos e significados que só podem ser compreendidos a partir da leitura e interpretação das palavras dos entrevistados em seu contexto sócio-historicamente determinado.

Concluída a aglutinação dos pré-indicadores em indicadores, passou-se à terceira fase, que consistiu na inferência e sistematização dos núcleos de significação, conforme Quadro 3.2. Para que chegássemos a esta fase, procedemos à articulação dos indicadores, considerando os conteúdos temáticos que apresentavam semelhança, tinham aspectos complementares e/ou continham alguma contradição. Além disso, como um critério central para organização dos núcleos, esses indicadores além de expor aspectos importantes e reveladores dos sujeitos, contribuem para que se atinja o objetivo da pesquisa.

Quadro 3.2 Núcleos de Significação e Indicadores

Núcleos de Significação	Indicadores
1. FESTA COMO MEDIAÇÃO: PARTE DA IDENTIDADE JOANOPOLENSE E ELEMENTO DE SOCIALIZAÇÃO	- Significados atribuídos à Festa de São João. - Festa de São João e sua relevância na socialização. - Festa como organizadora das economias pessoais/familiares
2. AUSÊNCIA DE FESTA MARCADO PELO VAZIO	- Lembranças e Pensamentos que teve durante a época - Sentimentos que surtiram na época - Sobre Lives e Delivery da Rua Caipira em celebração a São João - Medo da festa não retornar
3. FESTA COMO ESPAÇO DE EXPOSIÇÃO, TRANSMISSÃO E PROJEÇÃO DA CULTURA RELIGIOSA, MUSICAL, CAIPIRA E FOLCLÓRICA DO MUNICÍPIO E REGIÃO.	- Sobre Grupos folclóricos: São Gonçalo, Congada, Moçambique, Caiapó, Catira - Cultura Joanopolense e a transmissão caipira familiar hereditária - Expectativas positivas para as Festas futuras
4. HISTORICIDADE DA FESTA - HOMENAGEM AOS ANTEPASSADOS E FUNDADORES DO MUNICÍPIO.	- Fundação da cidade pautada na migração portuguesa, economia cafeeira, Igreja Católica e Maçonaria.
5. FESTA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL ENGAJADA A SER GERIDA, CUIDADA, TOMBADA E AMPLIADA	- Conflito de interesses econômicos - Modificações positivas - Perdas culturais com o tempo (não relacionadas à pandemia e ausência da festa). - Concentração da cultura em torno da Festa. - Proposições - Importância das apresentações musicais, teatros e grupos folclóricos na transmissão da cultura da festa e local

Fonte: Zeitlin (2022).

4. Discussão

4.1. Festa como mediação: parte da identidade joanopolense e elemento de socialização

Desde o início da elaboração da pesquisa e coleta de dados iniciais, era evidente o quanto a importância da Festa de São João perpassa também pela celebração do aniversário da cidade, fundada em 1878 através de uma Festa de São João. Os relatos indicam que seja a maior festa junina da região bragantina, que conta com um amplo roteiro de festas em homenagem aos padroeiros de cada município. Historicamente se configura como o principal evento do município, que também realiza celebrações de Carnaval, Natal, Réveillon e Festa das Nações.

Conforme levantado na discussão teórica, a partir da concepção da Psicologia Sócio-histórica, tomamos a categoria mediação enquanto uma instância constitutiva da relação entre a singularidade e a universalidade, nos possibilitando a análise das determinações inseridas em um processo dialético, portanto a noção de processos ausentes em uma relação tida como causal, linear e imediata, na qual as determinações são compreendidas enquanto elementos constitutivos dos sujeitos. Assim, concebemos o ser humano como um ser social e singular, síntese de múltiplas determinações, que nas suas relações com o social e o universal, constitui a sua singularidade através das mediações sociais. A partir de tal perspectiva epistemológica, a análise dos conteúdos das entrevistas nos possibilitará conceber a tradicional Festa de São João do município de Joanópolis enquanto um importante fenômeno sócio-cultural, com elementos simbólicos universais apropriados de modo particular pelos sujeitos que a compõem, a partir do seu contexto sócio-histórico específico. Assim, os atores sociais entrevistados concretizam a universalidade na singularidade, tendo a particularidade do evento, história do município e herança cultural como mediadora das relações sociais e constitutivo das singularidades.

Deste modo, ao realizar as entrevistas, foi possível observar como o evento atravessa a construção da história individual e familiar dos entrevistados, se configurando historicamente como um importante elemento de socialização da população joanopolense, servindo para a aproximação de amigos, união de familiares e transmissão cultural para os mais jovens. Assim, este primeiro núcleo relativo à constituição da identidade e socialização pautados pelo fenômeno da Festa de São

João foi inferido pretendendo sintetizar uma série de significados atribuídos à festa, principalmente aqueles indicadores que dizem respeito à tradição local da festa, lembranças da infância, o papel que ela ocupa para as famílias, sua função na socialização e formação da identidade do joanopolense. Importante salientar, que tais temas não serão debatidos e esgotados apenas neste núcleo, mas serão acrescentados elementos à discussão ao decorrer dos demais núcleos, visto que atravessam quase que a totalidade dos núcleos de significação, e assim, serão posteriormente desenvolvidos.

A partir do seguinte relato de Silvio (Músico, 29 anos de idade), o mais jovem e último entrevistado da pesquisa, podemos considerar que a festa influi fortemente na vida social e imaginário das crianças.

A vida toda a gente cresce, e me sente a consciência do que era a festa né, a gente sabia que tinha uma grande festa e todo mundo queria ir pra cidade, queria ver como é que era, a molecada(...)

Se colocando em movimento, com o tempo, a sua visão sobre a festa passou simbolizar a data e a cultura do caipira;

Mas depois que eu entendi, que você vai crescendo, vai amadurecendo, que eu entendi o que era a festa de São João, pra gente aqui. Parece que é a data do caipira. João é um nome caipira, João, Maria... então, a festa de São João simboliza pra mim a festa do caipira. Você vê barraquinha com pé de moleque, doce de leite, com milho verde, cachaça, coisa do interior, as danças de quadrilha que a gente chama de arrasta-pé. O que simboliza pra mim é a cultura da gente, é a data do caipira. (Silvio)

Nas palavras de Manoel (Historiador, 54 anos de idade), podemos observar como a festa é um evento central na socialização interna das famílias, chegando a compará-lo com o natal pelo fato de receber muitos parentes; e também, enquanto um momento de aproximação e união das diferentes famílias entre si;

Os meus pais e todo joanopolense ama festa, então a gente desde menininho, a mãe já ia e já levava a gente pra Festa de São João. Então a gente acompanhava a procissão, acompanhava as barracas, os grupos folclóricos, então a gente vai tomando o amor pela festa desde pequeno. Já tinha essa história muito curiosa quando a gente era criança, a gente tem muitos padrinhos e madrinhas de batismo, graças a deus a gente tinha vários tios, e a gente sempre ganhava um dinheirinho pra *festá*. Então quando ia chegando Maio, começo de Junho, a gente já procurava visitar tudo quanto era padrinho, tio, todo mundo, por que a gente sabia que era costume dar um dinheirinho para *festá*. E aí vai acontecendo e vai tomando gosto pela festa. (...)

Pra mim é de suma importância a festa, assim como para muitas pessoas é o natal. O que acontece no natal, as pessoas chegam, vai vir a família, as pessoas se reúnem, mas aqui a preocupação nossa é receber os nossos parentes, porque todo mundo vem pra festa. Então vem os seus parentes, vêm os seus amigos, você tem que ter uma casa ou quarto reservado pra hóspede porque sabe que vai vir todo mundo. Então é uma hora que você reúne família, você vê todo mundo, você sai na rua e você vai encontrar gente que você não viu há um ano, que veio da cidade tal, que veio do lugar tal, então ela agrega muitas pessoas, ela une muitas famílias. (Manoel)

Quanto a importância da socialização e o papel que a festa ocupa para a sua família, Luiz (Violeiro e cantador, 70 anos de idade) aponta para as memórias da festa com seu pai, quando vinham para a festa com a sua família por vários dias; relaciona também a importância da festa com a oportunidade de assistir coisas que vêm de fora, e da sua participação nas missas e coral da igreja quando mais jovem; por fim, conclui com o sentido que apareceu praticamente em todas as entrevistas, a vontade de ficar o tempo todo, a semana inteira frequentando a festa;

Meu pai nessa época (década de '50) já dançava a congada na festa, fazia o São Gonçalo na festa, e daí ele era congadeiro, então vinha um grupo de piracaia e meu pai dançava nesse grupo.

Quando eu tinha meu pai e minha mãe, nessa época a gente já morava longe da cidade, então meu pai todo ano alugava um quartinho na cidade pra nós vim assistir a festa. Nós trazia lenha, fazia comida nesse quartinho e trazia todos os filhos pra assistir a festa. Nós ficava uns 3, 4 dias na cidade pra assistir a festa. Então pra mim foi muito marcante essa época, por que junto com o pai, a gente saía da onde a gente tava alojado e ia pra praça pra ver ele dançar congada, depois ver o caiapó que meu irmão participava, os meus irmãos todos participo do caiapó. E a gente vinha na praça pra ver as bandas tocar, as fanfarras, a noite os cantadores a gente vinha assistir junto com o pai junto com a mãe.

É uma festa que dá muita alegria pra nós né, e é uma festa que vem muitos cantores do estilo que a gente gosta. Ela é muito importante porque ali, nós tem a oportunidade de assistir tanta coisa que a gente não vê aqui na cidade no interior, então na festa de São João vêm. Então é uma festa que a gente participa de muita coisa, e a gente vê muita coisa que não é daqui do interior, muito bom. Eu participava muito, tocava na missa do bispo, participava do coral da igreja, então eu tava ali dentro. Mas depois que já fiquei mais moço né. Então ali pra mim era, todos os dias, a semana inteira frequentando mesmo, ajudando em tudo que a turma precisa... (Luiz)

Para Helena (Educadora e Barraqueira, 60 anos de idade) a festa representa os sabores e os gostos que lhe agradavam na sua infância.

Pra mim, a Festa de São João tem sabor e gosto. Sabor de criança, sabor da minha infância, sabor do meu passado, e diversão. (Helena)

Silvio (Músico, 29 anos de idade), assim como Márcio (Comerciante, 63 anos de idade) e Helena (Educadora e Barraqueira, 60 anos de idade) abordam de modo complementar como o tema da festa costuma despertar nostalgia e memórias antigas específicas relacionadas à infância;

E não sei cara, toca musiquinha na igreja, começa a tocar: 'São João, São João...', parece que você volta no primeiro dia que você conheceu a festa assim, eu não sei explicar, é um negócio muito louco. 'Vamo ralar o cocô, vamo comer canjica' cara isso aí, dá até um negócio assim, uma nostalgia estranha e gostosa assim, eu não sei explicar. (Silvio)

Olha, a gente quando é criança fica ansioso, esperando a chegada da Festa de São João, porque nós vivemos um monte de novidades, brinquedos, doces, a gente não via a hora de chegar a Festa de São João pra comer maçã do amor. (Márcio)

Cada vez que falam da festa, eu lembro muito das festas antigas. A minha mãe ajudava o padre, aí tinha três barracas ali no calçadão e vendia pizza, tinha jogo de roleta, e eu ajudava ela, tinha 6, 7 anos, era o máximo pra mim. Eu lembro muito das festas antigas. O cara que fazia algodão doce, ele pedalava pra sair o algodão, agora aperta uma máquina, um botão e vai, tinha um outro sabor até eu acho. (Helena)

Ao tratar sobre como sentiu falta de reencontrar os conhecidos que vem para a cidade em época de festa, Manoel (Historiador, 54 anos de idade) também de maneira complementar, relaciona tais encontros com a memória e lembranças da infância.

A gente notou nesse período (2020/2021), que a gente deixou de ver muitas pessoas conhecidas na cidade. Que vem à cidade só no aniversário, são conhecidos que cresceu com a gente, que faziam questão de vir, jamais perdiam as festas. E nesse período a gente se reencontra. Encontro com pessoas que faz anos, dez, quinze anos que você não vê, de repente a pessoa aparece na festa. Sabe aquela memória toda, daquela época, quando era criança, adolescente... (Manoel)

Conforme nos aponta Diego (Músico e Professor, 38 anos de idade), a festa representa o ponto forte da cultura da cidade, conforme possibilita a exposição da cultura local, deixando as suas marcas e lembranças naqueles que se aproximam;

Culturalmente, eu acho que é o ponto forte da nossa cidade, por que o cara que é artesão tem um espaço pra ele expor a arte dele lá, o

cara que é cozinheiro tem uma barraca dele, com o produto dele, a pinguinha dele que ele fabrica com a receita que ele aprendeu da avó. E ele tá vendendo aquilo e tem gente que não conhece, que tá comprando e que fica marcado, no próximo ano vai falar 'tinha aquela barraca, que fazia aquela comida assim, assim, assado, vamo lá.' E tem o cara lá ainda. (Diego)

Helena, de modo complementar a Diego, indicam que a festa ocupa uma centralidade para as famílias, também em relação à organização dos gastos financeiros, onde afirmam sobre a sua perspectiva positiva para a realização do evento este ano.

Por que é assim, uma vez por ano, aí a gente tem que aproveitar. E o costume daqui, nesses últimos dois anos infelizmente não teve, mas continua, as pessoas guardam dinheiro o ano inteiro. Tem um cofrinho chamado Festa de São João, e não tem medo de pôr a mão no bolso não. Come, bebe, vai nos brinquedos né, quem tem criança. (...) Todo mundo tá contando nos dedos a festa. Todo mundo para de gastar dinheiro, por que agora que teve certeza que vai ter. (Helena)

É, então, a gente aqui a gente é muito ligado com a festa, né? A cidade, até um tempo curto atrás, o povo inteiro se baseava pela festa. Então você juntava dinheiro pra festa, você comprava roupa por causa da festa, você juntava dinheiro pra roupa na festa. E era, e era isso, era o maior evento. (Diego)

Manoel (Historiador, 54 anos de idade) nos acrescenta sobre a importância da festa como um espaço das pessoas se exporem e serem reconhecidas pelo seu trabalho, sua arte e a sua fé, abordando a festa como uma manifestação cultural engajada, indo de acordo com a concepção da Psicologia sócio-histórica de ser humano ativo, social e histórico, (produtor da história, como nos ensina Lane), demonstrando a relevância da participação social no evento (um dos objetivos específicos da pesquisa).

Assim como as pessoas procuram lá, a Praça da Sé, procuram ruas cheias de São Paulo, ou em Madrid, ou na França, para levar a sua arte para serem vistos, a festa de São João sempre foi uma grande oportunidade para essas pessoas, ou daqui, ou da região, de serem vistos, de serem notados, de se apresentarem, de falar da sua arte, de se mostrarem, e serem reconhecidos obviamente. Então muitos foram reconhecidos nessa época, conseguiram ter nome. Então isso tudo faz parte, eu acho que essa expressão é um palco a céu aberto, é um momento que você abre um palco pra todo mundo, todo mundo se apresenta, muitas coisas mudaram no decorrer desses anos, mas continua sendo esse palco, um palco de apresentação, a pessoa expressa a arte dela, graças a deus nós recebemos essa arte, e é uma manifestação cultural né, só que engajada né, no meio de todo mundo. (Manoel)

Silvio (Músico, 29 anos de idade) constata também sobre um clima específico da Festa de São João em que parece que o povo vira brasileiro, onde as pessoas entendem o que o caipira vive e em que pode se sentir mais à vontade, em oposição ao fim da festa, em que fica como tudo no mundo, americanizado;

É o lance de você estar ali, tem um clima na festa de São João que eu não sei explicar. Tem um lance que parece que ali você tá vivendo no Brasil, parece que quando sai dali, os caras da barraquinha vão embora que leva o bolo de milho, o pastel, as comidas típicas, a música, parece que sei lá, você tá como está tudo no mundo, tudo americanizado, mas quando tem festa de São João parece que o povo vira brasileiro. Eu não sei explicar, você vê gente trajadinho assim, gente de tudo quanto é lugar e tá vivendo aquele lance ali. Parece que os caras quando vem pra cá, eles entende que é aquilo o que o caipira vive, as quadrilhas, o caipira. Então parece que a gente fica mais vivo, mais à vontade. (Silvio)

Em relação às demais festa juninas da região e a centralidade da Festa de São João de Joanópolis, Manoel aborda as diversas festas que homenageiam os padroeiros de cada cidade como um ciclo festivo no qual as pessoas vão se integrando, que consideramos como o roteiro das festas juninas da região, e também coloca a visão das cidades vizinhas sobre a cultura festeira notória de Joanópolis:

Por exemplo, Joanópolis temos o São João, Nazaré Paulista de Nossa Senhora de Nazaré, Bom Jesus dos Perdões que é Bom Jesus dia 6 de agosto, temos o Santo Antônio que é de Piracaia dia 13 de junho, e tem a cidade de Vargem que é pequena também que também é Santo Antônio. Bragança Paulista é Imaculada Conceição dia 8 de dezembro, Extrema que é já Minas, que é nossa divisa aqui, mais perto que as outras cidades, é Santa Rita de Cássia dia 22 de Maio. Então se a gente estabelecer um paralelo muito curioso, dá pra ir dia 22 de Maio na Festa de Santa Rita, 13 de Junho você faz Piracaia que é a Festa de Santo Antônio, depois você vem pra Joanópolis, faz a festa de São João. Dia 29 você vai pra Nazaré Paulista, que não é o padroeiro mas é festa de São Pedro, lá é muito forte, faz a festa de Nazaré, aguarda um pouco, encerra esse ciclo na festa de Bom Jesus dos Perdões. Então os barraqueiros e muito grupos folclóricos acabam fazendo esse ciclo nessa micro região, que é muito curioso, as pessoas vão se integrando nessa época.

E regionalmente você tem Piracaia que a festa é de Santo Antônio, que é em junho também, mas é engraçado por que a preocupação do pessoal lá em Piracaia é 'e a festa lá, quando vai começar a festa de Joanópolis?' Eu digo, vocês se atenham a festa de vocês, (risos), eles amam a festa daqui. E essas cidades vizinhas, elas ficam perguntando da festa de Joanópolis, por que ela é a maior. Eu falo que é a maior festa aberta da região bragantina é Joanópolis, por que todo mundo converge para cá, a cidade fica uma loucura.

Tem um pessoal da cidade vizinha que fala que Joanópolis põe um vitrolinha na rua e estourou uma pipoca vira festa, vai todo mundo, turma tem mania de ir pra rua. E tem cidade que faz a festa e as pessoas não vão... Joanópolis qualquer batuque na esquina, sai todo mundo, soltou três foguete, ligou a vitrolinha, tamó indo. (risos) (Manoel)

A partir do seguinte trecho de Manoel, inferimos a parte inicial do título deste núcleo de significação relativa à identidade do joanopolense, que se identifica quando encontra Festas de São João em outras cidades e regiões.

A gente se prepara para a festa com uma antecedência muito grande, então eu acho que faz parte da minha cultura, da minha cidade, da minha identidade a Festa de São João. Tanto quanto eu saio da minha cidade e eu vejo uma Festa de São João, sei lá alma padroeira, al patrón... Eu fui pra Portugal recentemente pra cidade do Porto, onde o São João é muito forte, e ele não é o padroeiro do Porto. E a cidade tem uma Festa de São João muito interessante, você olha e fala: 'Ó, São João da minha cidade veio daqui.' Então onde a gente vai, e a gente vê uma Festa de São João a gente se anima. Quando eu fui pro Nordeste, eu cheguei a pegar o começo das festas juninas lá, maravilhoso, a gente se identifica, é uma questão de identidade realmente. (Manoel)

Considerando as falas expostas neste núcleo, entendemos que os entrevistados estruturam a sua relação com a Festa de São João, principalmente a partir da sua infância e da sua dinâmica familiar específica em relação à festa. Isto é, à medida que o evento pode ser considerado enquanto uma instância mediadora das formas de socialização intra-familiares, que se preparam com antecedência para receber parentes, organizam suas economias, despertando grande curiosidade nas crianças. As principais lembranças relatadas da festa, referem-se a momentos antigos, que marcaram os entrevistados, revelando a importância do evento na constituição da singularidade dos sujeitos. A partir dos relatos, podemos concluir que a Festa de São João é considerada como o principal evento cultural da cidade, uma manifestação cultural engajada que reúne diversos elementos da cultura caipira e interiorana não só de Joanópolis, expondo-os num palco a céu aberto para ser reconhecida e valorizada. Deste modo, se configura como a principal referência cultural dos jovens da cidade central na constituição das subjetividades, que vão amadurecendo a sua visão sobre a importância da festa para a população local e região.

4.2. Ausência de festa marcado pelo vazio

Considerando a relevância do período para o município abordada até então, que comemora o seu aniversário junto da Festa de São João, a forma como os

entrevistados relatam a ausência dos eventos nos últimos dois anos, diferentemente de quando abordam o evento em geral nos anos que ocorreu, é marcado quase que na sua totalidade de maneira negativa. Ao elaborarmos a pesquisa em questão, esperávamos obter mais relatos em relação a eventuais celebrações menores, hábitos religiosos particulares ou até pessoais, que pudessem ter sido significativos, possivelmente até relacionadas às lives e *delivery* de comidas organizadas durante o período em questão (junho de 2020 e junho de 2021), porém, entendemos que a centralidade das significações a seguir indicam a prevalência da ausência de celebração, um período marcado pelo vazio, silêncio e tristeza, em contraste com a celebração notória da cultura da cidade. Importante ressaltar que o isolamento social provocado pela pandemia de covid-19 e as suas inúmeras consequências certamente contribuíram para os afetos negativos em relação à tal período, e em diversos momentos tal fator é considerado pelos entrevistados, significado por Manoel enquanto 'medo'.

Primeiro que a gente tava tudo fechado na casa, aquele sentimento de **medo**. Mesmo que tivesse a festa as pessoas, grandes pessoas, não iriam. Então cria um **vazio** né, tem a questão do **vazio**. 'Nossa era pra ter festa hoje', fulano não vem na casa, você deixou de ver amigos, parentes, eu acho que o que mais pesou foi o **vazio**. (...) Tentaram fazer uma festa online, mas sem graça nenhuma, né, eu falei que é sofrer. Sabe aqueles frango assado que o cachorro fica olhando, **a gente só tá vendo mas não tá curtindo**. Então eu acho que o que mais na minha opinião trouxe pra gente foi a questão desse vazio, o **vazio** da Festa de São João. (Manoel)

Teve uns evento online, umas lives que a gente fez aqui que eu ajudei, e foi feito. Então a gente comemorou do jeito que deu, só que... coisa online, que sentido tem isso aí pra mim. O pessoal fala "cê tem que fazer live", eu detesto live cara. Eu fazia musiquinhas rapidinhas falando inversões em reggae, em rock, em forró, em moda, falando disso, do quanto eu detesto live e falando 'não é que eu não gosto de live, eu não gosto do que a gente tá vivendo agora.' Mas a gente comemorou assim, representou e não esqueceu de São João dessa forma, fez acontecer dessa forma, **fria, horrível, mas as bandeirinhas estavam lá**. (Silvio)

Como eu falei o **silêncio** foi triste demais. Eu subo essa rua aqui pra ir na casa da minha mãe, e eu subo dali numa lajezinha que tem, e ficava olhando pra cidade, aquele **silêncio** cara. Sabe aquele climinha, que você acorda assim, tá aquele clima de frio. Você fico no sol com blusa na rua assim, cara, é clima de festa de São João. Não é frio, é clima de festa de São João. Aí dava aquele **vazio**, aquele negócio estranho cara, como eu já falei um monte de coisa sobre isso: 'judiação, por que que tá acontecendo isso?' E esse **silêncio** da cidade foi muito estranho, foi o pior de tudo. E eu lembrava: 'era pra ta

tocando musiquinha, era pra gente tá conversando pra tentar organizar alguma coisa pra tocar,' os eventos todos que tinham, Caiapó, São Gonçalo. É isso que a gente pensa, fica lembrando: 'Nossa cara, imagina se tivesse acontecendo o que que taria acontecendo hoje?'. 'Ah, hoje é o dia 24 de junho, hoje é aniversário.' Tudo frio, aquele **silêncio**. O que mais me doía era esse **silêncio** da cidade nessa época principalmente. (Silvio)

Então ficar sem a festa de São João foi triste pelo **silêncio** da cidade, pela **tristeza** de quem gosta muito da festa e valoriza, o lance de não ter e as pessoas precisando, assim que vivem disso. **Então o mais triste de não ter a festa foi isso, o clima todo no mundo inteiro e a gente ficar sem um negócio que é tão especial pra gente, tão importante que é a festa**. Então ficar sem a festa pra mim foi essa, não ver gente, não ver movimento, e não encontrar e acabar não tocando também, não ver nada, foi **triste**. (Silvio)

A partir dos relatos expostos neste núcleo, consideramos que a realização das lives e *delivery* de comidas, embora desapontadora para alguns, tenha sido considerada enquanto um importante fator para a manutenção da tradição histórica e festiva, porém, a impossibilidade da tradicional celebração pública, na rua, ao redor da praça, igreja e matriz da cidade, impactou negativamente os sujeitos entrevistados, que significam o período frequentemente enquanto 'silêncio', 'choque', 'tristeza', 'vazio' e 'falta'.

A secretaria do turismo fez uma reunião com as pessoas da rua caipira e perguntou se a gente queria fazer em casa o delivery, e sei lá, de 15 barracas que tem na rua caipira, acho que umas 7, 8 participaram, eu participei. Aí a gente fazia aqui em casa, as pessoas ligavam e a gente entregava ou eles vinham buscar aqui. Deu muito certo por sinal. A gente não precisou pagar o espaço né, e deu muito certo fazer em casa. Só não faço porque ninguém compete com a rua caipira. (Helena)

É, foi muito difícil porque como falei pra você, é a tradição da cidade né. A nossa cidade começou já com uma festa de São João, onde tem a matriz. Então a gente sente **falta** dos shows, da festa, dos movimentos religiosos, da missa de São João. Inclusive, teve umas live dos cantor tocando nos ponto turístico da cidade, que a gente assistiu, e a comida mesmo da rua caipira, os doces, a comida do lobisomem, eu comi. Chegava até a gente, mas a gente sentia **falta de tá lá** né, participando da festa, e graças a Deus acho que esse ano vai ter né, nossa tradicional festa. (...) Pra mim foi muito difícil o começo disso tudo. (Claudia)

Os entrevistados abordam também, como as pessoas ficaram desacreditadas quando não pode haver festa, por ser um evento tradicional, que vinha ocorrendo

todos os anos, desde a fundação da cidade, assim como, a ausência da Festa que impactou os artistas e trabalhadores da área da cultura que dela dependem. Em algumas entrevistas, foram abordados os pensamentos que lhe ocorriam durante o período, no qual relembavam as amizades que costumam encontrar, quais atividades deveriam estar acontecendo na festa em determinados dias.

No primeiro ano creio que foi mais suave até porque, porque tipo tava no mundo inteiro assim... Uma nova coisa, uma nova realidade. Agora aí, o segundo ano, eu... Eu penei um pouco, cara. Eu até na escola mesmo eu enfeitei a escola lá junto, junto com a galera e sentindo: 'Eu não acredito que não vai ter Festa de São João na minha cidade.' (...) É que tipo, (2020) foi de última hora e não tinha como eu fazer as lives mesmo, eu tava em São Paulo e isolado. E aí eles fizeram no outro, daí eu fiz questão de fazer um esquema e juntar pra ensaiar a galera que fico parada um ano e pouco aí. Junta e ensaiar, fazer um repertório pra toca nessas lives de São João. Que matam um pouquinho da saudade, mas nem chega perto do que é você ter um palco, o Jóia Rara, que é o palco da galera de Joanópolis aqui. E nem se compara você fazer uma live e ter um palco com uma galera, né? Então fez muita **falta**. (Diego)

Ó, fez muita **falta** pra todo mundo viu, porque como era uma festa tradicional para a cidade, então com todo mundo que você falava, eles não acreditava que não ia ter festa de São João porque nunca faltou uma festa, nunca faltou. E dessa vez todo mundo falava: "vai ter" e chegou na hora e o negócio tava feio a pandemia e não teve mesmo. Então todo mundo ficou muito decepcionado, mas também entenderam que era por causa de força maior, mas foi muito... Fez muita **falta**, a cidade ficou muito **triste**. E os meninos que faturavam, que faturam né, com a festa também, você vê que atrapalhou o crescimento da cidade, os barraqueiros que vendem na cidade, enfim tudo, a venda atrapalhou, as diversões, tudo atrapalhou, fez muita **falta** a Festa de São João. (Luiz)

Lembramo de tudo que a gente participava ali, do tempo que eu participei na igreja, o tempo que eu participei do caiapó na época de menino. E meu pai e minha mãe faziam, depois meu pai e minha mãe faleceram e nós ficamos fazendo parte dessa festa, e de repente falta com o tempo não tem essa festa, **foi chocante demais**. Então pra nós, nesse ano tá pra acontecer, mas nesses anos que não teve foi muito triste. (Luiz)

Uma das questões abordadas nas entrevistas refere a possibilidade dos entrevistados temerem se o evento retornaria no município, pois como foi dito anteriormente, na época de elaboração da pesquisa, ainda não se afirmava a certeza da retomada da Festa de São João de Joanópolis. Na maioria dos relatos, os entrevistados abordam como a particularidade Joanopolense do aniversário da cidade ser celebrado junto da Festa de São João, representa um elemento de conforto e

segurança, frente à possibilidade da tradição da festa se perder.

Eu acho que nunca mais voltar é impossível né, porque é aniversário da cidade, e é uma festa que nasceu espontaneamente. Tanto que Joanópolis foi fundada numa festa de São João, porque era uma festa que já acontecia. Então, **ela tem vocação pra isso**, é uma coisa natural da cidade. O povo quer, gosta. (Marcio)

Puts, eu pensei isso cara, só que eu acho que não tem como (Festa de São João não voltar), por ser não só o São João, mas por ser o aniversário da cidade. Então eu acho que fica meio impossível de não ocorrer e acabar. Só se essa pandemia aí voltasse a ter pico, coisa que graças a deus não tá rolando, a galera tá se vacinando e tal. Mas não, acho que não tem perigo de não voltar a ter não. Se esse prefeito não fizer o próximo faz. (Diego)

Porque o que não pode é perder. Eu acho que se ficar mais um ano, eu tenho medo de perder essa tradição. (Helena)

Na fala a seguir do Silvio, surge um apontamento de medo, não para a possibilidade da tradição da Festa de São João se perder e não retornar, como na fala exposta acima da Helena, mas sim, o medo da cultura da Festa de São João 'esfriar', tema que será melhor elaborado no último núcleo de significação.

Eu tive medo, não pensando pra sempre, mas eu pensei em quanto tempo ia ficar sem, dois anos sem festa de São João, isso aí não é pra gente... O primeiro ano já foi estranho, a gente falou: "não, as coisas vão melhorar, será que vai ter festa, que não vai ter?" E acabou não tendo, claro. E o medo dela não voltar eu não tive, mas eu tive medo dela se estender por mais tempo. De ficar muito mais tempo sem. Ninguém vai morrer sem festa de São João, não vai morrer, **agora o que esfria é o lance da cultura**. Festa de São João, Joanópolis é a cidade do João, como é que fica no aniversário da cidade tanta coisa acontecendo em todo o mundo... e Joanópolis sem nada cara. Aí, que aflição! Só de pensar... Então o lance de não ter mais, eu não tive esse medo, eu fiquei preocupado se ela ia se estender mais, e não pela festa, claro, mas por tudo no mundo e tal. **Mas a gente sabendo que a festa ia acontecer, era por que tudo tava bem, então esse era o lance que eu pensava e penso, não mudei**. (Silvio)

Ao final do trecho acima, Silvio significa a sua expectativa pela retomada da Festa de São João, como uma maneira reconfortante de saber que as coisas vêm melhorando, discussão que será aprofundada no núcleo de significação seguinte. No seguinte trecho da fala de Diego, ao expor sua visão em relação a ausência de motivos para o evento não retornar, aborda além da pressão social, a importância da gestão e organização da Festa de São João visando a cultura da cidade.

Primeiro que tipo, já tá rolando tudo, né? Já tá rolando Carnaval, já tá... A gente tá com um, um calendário. Se você for pensar mesmo, poucas são as pessoas que se importaram com alguma coisa durante o Natal, o Ano Novo. Então tipo, você querer mais um ano você evitar a Festa assim, pode ser um egoísmo grande da nossa parte, seria. Mas eu não vejo motivo mais pra ele não ter. É o meu, é o meu ponto de vista assim, sabe? Eu espero que volte, cara, e que... E que venha bem aí, bem organizada, né? Tipo, a festa que é... não adianta você só fazer por pressão do povo porque não vai funcionar, tem que ser bem organizado, tem que ser visando a cultura da cidade. (Diego)

De maneira contraditória, em relação a ausência da festa durante a pandemia, Claudia aborda uma enquete online realizada pelas redes sociais da prefeitura, e afirma ainda temer a realização da Festa de São João em função da circulação do vírus;

'Mas a gente também tem que entender que é pro nosso bem, que a gente tava no período da pandemia, inclusive, esse ano mesmo, quando colocaram a enquete, mesmo querendo que a festa seja realizada, mas onde o prefeito colocou, a gente tinha o livre arbítrio de responder sim ou não né, eu inclusive falei não. Eu fui a única que falou não, porque essas coisa não tá ainda acabado, não tá terminado ainda. Então eu tenho medo que isso volte a circular na cidade, mas se Deus quiser, São João vai ajudar que isso não se realize. Mas mesmo querendo que a festa se realize, mas eu ponhei não, lá na onde punha, "Quem quer que tenha a festa? Responda sim ou não." Eu ponhei não por um pouco de medo. (Claudia)

4.3.Festa como espaço de exposição, transmissão e projeção da cultura folclórica, religiosa, caipira e musical do município e região

Ao abordarem as tradições e grupos folclóricos, os relatos dos entrevistados frequentemente tratam das suas relações com as suas próprias heranças familiares. Essa alta incidência de entrevistados herdeiros das práticas musicais, folclóricas e religiosas presentes na festa de São João não foi por acaso, mas consequência da busca por sujeitos para serem entrevistados e comporem a pesquisa, ligados às práticas culturais da Festa de São João.

Assim, além de tratarem sobre a cultura festeira notória e as diferentes manifestações culturais e folclóricas que costumam ser expostas na Festa de São João e na cidade de maneira geral (não todas, mas as que os sujeitos consideraram mais significativas), as falas apresentadas neste núcleo irão tratar também sobre

como a festa ocupa um papel central na história pessoal dos entrevistados e transmissão cultural entre as gerações familiares que a compõem, e consequentemente, revelam o papel central que as famílias ocupam na transmissão das emoções, práticas e saberes relacionados à cultura. Também serão apresentados os trechos em que os entrevistados caracterizam os diferentes grupos folclóricos, e por fim, serão abordadas as expectativas dos entrevistados com as festas por vir.

A seguir, os trechos de Luiz e Claudia exprimem um dos sentidos centrais para a constituição deste núcleo, da festa enquanto espaço de exposição e manutenção da cultura local.

Olha, eu acho que o papel da cultura local na festa é muito interessante por que a nossa cidadezinha, é uma cidadezinha interiorana né, uma cidade onde vive a cultura, onde tem, nós vivemos a cultura caipira, agrária, agropecuária, a cultura do café, a cultura da música, a cultura do catira, nossa, a cultura do caipira então eu acho que é muito importante por que a festa dá espaço para que nós pudemos mostrar a nossa cultura como ela é. (Luiz)

A nossa cidade é uma cidade humilde, muito pequena, onde a maioria vive da agricultura, inclusive eu trabalhei muito tempo na roça né, eu parei de trabalhar na roça quando eu casei. Então, aí tem as pessoas que vive da cultura né, então (a Festa de São João) é muito importante. (Claudia)

Nas seguintes falas da Helena, ela aborda outra idéia central para a constituição dos sentidos deste núcleo, que se refere à transmissão cultural entre as gerações, no caso, como transmitiu para o seu filho as suas lembranças da infância, aquilo que fazia com seu pai na festa, e também, como as pessoas estão ansiosas pelo retorno do evento para apresentarem a festa para os seus filhos que ainda não conheceram

Como eu te falei, eu tenho 60 anos e eu lembro da minha primeira festa. E é que nem folclore né, vai passando, eu conto histórias pro meu filho, e ele vai passar pra outras e outras gerações, então eu acho importantíssimo essa cultura aí que não pode acabar nunca. (...) Antes de ter a barraca, quando meu filho tinha um ano, comecei a levar ele para curtir a festa. **Aí tudo que meu pai fazia pra mim, eu fiz pra ele.** Aí ele adora comer a maçã do amor, aí levava ele no parque. (...) Agora me chamaram pra organização da festa, pra fazer parte da comissão, muitas pessoas sabem, aí elas ficam perguntando: "mas vai ter, mas vai ter?" As pessoas estão muito, muito ansiosas. Aí muitas falam: 'Ah, minha filha vai ver, meu filho vai conhecer a festa.' Bom, com um ano ele não ia conhecer nada, com 2, com 3 não teve. Agora, ele está fazendo 3, 4, e ele vai ver o que é uma festa. E essa minha amiga falou: 'Eu vou em festa desde 1 ano, e meu filho vai conhecer só

agora.' Então as pessoas então muito ansiosas, esperando a festa.
(Helena)

De modo semelhante, temos nas seguintes falas complementares de Claudia e Diego, respectivamente, a herança familiar que Claudia recebeu de seu pai, a tradição capelã da reza do terço, e a ligação de Diego com a festa desde a sua bisavó, Ambrosina Pinto uma das primeiras festeiras da cidade de Joanópolis. Importante destacar que, no final da fala da Claudia, surge de modo semelhante ao exposto por Silvio no último núcleo, um medo de eventuais aspectos da cultura da Festa de São João se perder, como dito anteriormente, tema que será melhor elaborado no último núcleo de significação.

A história da minha família, é, eu venho de uma família de capelão e de folgazão, que é de São Gonçalo, e capelão é a reza do terço. Eu ajudava meu pai, e o importante é que quando ele tava na cama pra falecer, ele passou pra mim e pra Clarissa, aquela minha irmã, pra reza o terço né. E ele me disse, uma coisa muito interessante. Ele falou assim: "Óia fia, se pedir o cê não negue, mas não faça nada de oferecido." Então você vê que o meu pai era um homem muito religioso e a gente segue a tradição dele. E a minha mãe, faz dez anos que ela faleceu. E a gente segue a educação deles, e sempre no terço que eu rezo, eu agradeço muito a eles. (...) E meu pai, capelão com 60 anos, folgazão de São Gonçalo, que criou nós com muita dificuldade, estudou nós tudo, e a gente tá levando a cantoria sempre lembrando dele, dos nossos irmãos, e a gente espera não deixar isso morrer, por que isso é tão importante que não pode deixar sumir. (Claudia)

A minha ligação com a festa e minha família, ela é muito grande porque a minha bisavó foi a primeira festeira de São João, que era a Ambrosina Pinto. Então quando colocaram aquela a primeira cruzinha, que falaram que era de São João, convidaram dois festeiros, um era o Anselmo Caparica, que é um dos fundadores também da cidade, e essa minha bisavó então que foi a primeira festeira. Então a minha ligação sempre foi muito grande com a festa. (Diego)

Quanto aos grupos folclóricos abordados nas entrevistas (São Gonçalo, Congada, Moçambique, Caiapó, Catira), podemos notar nos relatos a seguir que, para além da central celebração do santo através da Procissão de São João (como exposto na fala de Manoel), a Festa de São João comporta uma série de tradições religiosas e folclóricas da história da cultura local. Nos seguintes trechos, Luiz trata das lembranças de infância na festa e das apresentações de São Gonçalo que ao longo do ano participava junto dos seus irmãos e pai. Em seguida, caracteriza a dança do catira, como não tendo a homenagem religiosa ao santo envolvida, mas uma dança diferente, mais independente da religião e aberta para compor junto de outros grupos

folclóricos e gêneros musicais. Por fim caracteriza o Caiapó como uma apresentação indígena que diferentes gerações da sua família participaram.

A única coisa que meu pai fazia que os filho não participam foi a congada, o resto: catira, São Gonçalo, as rezas, tudo nós participava, tudo nós ajudava. A gente foi companheiro do pai, e eu ajudava ele a dançar, ajudava ele a rezar, ajudava ele a fazer catira, só na congada que não. (...) Então a gente, desde criança vendo o pai saindo em festa, cantando e dançando, começamos logo que a gente foi crescendo a ir participar com ele. Então foi muito interessante, uma cultura religiosa que a gente faz pela cultura do São Gonçalo e a gente amanhecia cantando e dançando lá né. E o pai naquela fé, aquela fé viva que ele tinha né, de responsabilidade, os filhos tudo foram pro mesmo caminho. Graças a Deus a São Gonçalo que fazia noite e dia era só se apresentando pra São Gonçalo, cantando verso pra São Gonçalo, batendo pé, batendo a mão e amanhecia.

E o catira, já é uma cultura mais diferente já né. Mais independente da religião né. Catira já é um divertimento, que nem nós estamos aqui hoje né (roda de viola), não tem a cultura do santo no meio, catira é assim. O meu pai tinha uma festa lá no sítio, tinha uma festa de casamento, uma festa de aniversário, ou também do Santo do Bairro, aí chamava nós lá pra cantar, daí meu pai cantava a noite inteira com nós, os filho tudo junto, daí é o Catira, uma dança diferente. Daí ia grupo menor, bem ensaiado, e os dois cantador cantando na frente que nem tá ali aqueles dois, e daí o grupo de catira fica ali de pé, cada verso que cantava nós batia o pé e batia a mão. Uma dança diferente já, nós que inventava essa dança, criava a dança do catira. Eu mesmo fui dirigente do Catira por muito tempo. Então eu inventava a dança, ensaiava, meus irmãos que tudo era dançador e uns companheiros também, aí eu ensaiava eles e depois a gente se apresentava.

A diferença é que a cultura do São Gonçalo é só aquilo a noite inteira, e o Catira não. O Catira tem moda de viola, tem o Catira, depois tem o samba, tem tudo pro meio. Mas nas festas, não é só uma dança que nem o São Gonçalo a noite inteira, daí não, faz folclore, Catira, vem outro folclore também, daí se tiver Congada vai a Congada pro meio, depois se tiver o Caiapó também dança o Caiapó, daí é assim, é intercalado as culturas daí.

O caiapó é uma cultura indígena e foi conduzido pelo meu irmão por muitos anos. Ele tinha o lugar de ensaiar, nós em casa ajudava a fazer as roupas do caiapó, então meus irmãos participavam, meus filhos que hoje tão esses moção que tá aí, são pai de filho já, eles eram o que participavam do caiapó como aquele indinho que morre lá naquela cena, então os dois filhos meus participaram dessa cena. Quando os meus irmão ainda tomavam conta, um dançava, outro dirigia e os meus filhos faziam parte também lá, como o indinho que morre. (Luiz)

De modo similar e complementar, Silvio ao abordar a tradição de São Gonçalo do seu avô, revela também a função central da viola como instrumento de mediação,

transmissora das mensagens dos devotos de São Gonçalo, e a posição de São Gonçalo enquanto padroeiro dos violeiros.

Na verdade, o meu vô era um folgazão, ele fazia muita festa de São Gonçalo aqui. Não é que ele fazia, é que ele meio que era chamado pra fazer, que era meio que uma promessa que a pessoa tinha que cumprir e fazia a festa, oferecia a festa pro povo. Pro santo, que é o São Gonçalo, que é o padroeiro dos violeiros, e chamavam meu vô. E meu vô ia rezar, sabia rezas que assim, nenhum desses bispo aí sabe, nem vai saber, então é o povo antigo sabe. Viola caipira servia só pra isso mesmo, pra cantar a música que era dos devotos lá das coisas deles. Então ele fazia muito dessa festa de São Gonçalo, fazia não, era convidado e às vezes fazia também. (Silvio)

Para complementar, temos nas lembranças de Claudia, apontamentos do seu pai que vão na mesma direção, da transmissão cultural pelo canto como abençoado. Ao falar da sua dupla de canto com seu irmão, Claudia aponta novamente para a importância de manter certas práticas culturais, 'Porque o barco não pode afundar'.

Eu gosto de cantar. Porque meu pai falava assim, que cantoria é muito abençoado, quem tá cantando tá pensando em não errar a letra, e quem tá escutando, tá prestando atenção na letra, então o divertimento é muito abençoado por Deus. Onde tá ali um divertimento, Deus tá ali porque é muito abençoado. E depois a nossa família é uma família de cantor né, meu pai que ensinou nois tudo a cantar, e eu tenho cinco irmão cantor falecido né. Por que eu, eu não cantava com o irmão, como agora ficou dois irmão, e um faz show sozinho, aí ficou eu com o irmão, eu falei: 'Cumpadre, vamo ensaia nóis? Porque o barco não pode afundar.' Inclusive a gente tem uma música dos irmãos falecidos, do pai e dos cinco irmãos. (Claudia)

Seguindo na mesma linha, Manoel caracteriza a devoção da Congada, Moçambique, e o Caiapó com cunho de apresentação folclórica. Ao final do trecho, ressalta o aspecto histórico de tais grupos folclóricos, e a importância de serem valorizados e mantidos na Festa de São João, já indicando uma das questões centrais do núcleo final (Festa como manifestação cultural engajada a ser gerida, cuidada, tombada e ampliada - 4.5).

Toda festa de São João a gente convida os Congueiros para vim para a festa, e eles fazem as chamadas embaixadas ou tocam as músicas deles em louvor a São Benedito, a Nossa Senhora Aparecida e ao Santo Padroeiro de cada a cada cidade, então além de ser uma coisa muito bonita, dos congos, a música deles tem a devoção deles, é uma devoção de caráter religioso. Isso vai acontecer com Moçambique também, que é um pouco diferente da Congada, tem as suas diferenças né, e tem muito a ver com a cultura Afro-brasileira, a história

do Rei do Congo e as Rainhas. Então elas tem essa questão de louvar, de apresentar se na festa, eles tem um culto religioso muito bacana que é expresso através da música e da dança. (...) Aí você tem os Caiapós, que é de origem indígena, mas os Caiapós não tem um cunho religioso, eles tem um cunho de apresentação folclórica. Eles saem dançando, tocando os seus tambores, suas buzinas, aí o menino cai morto, aí o pajé ressuscita, aí eles comemoram, é uma coisa muito teatral, muito interessante de se ver, então esses grupos são muito importantes. (...) E isso pro turista é um encanto porque os turistas não estão acostumados a isso, então soa até como uma coisa exótica. E nós que somos da terra, a gente que é daqui mesmo, gostamos de ver, gostamos de assistir por que faz parte desde a nossa infância. Então são atividades que eu vivo brigando que tem que ser mantidas não pode perder as suas características porque o folclore faz parte da festa. Então tem algumas modificações que acontecem, e o auge é a Procissão de São João, quando São João sai, e todo mundo aplaude enquanto São João sai em procissão pelas ruas da cidade, depois volta. Aí tem missa o dia todo, porque a gente tem que lembrar que é o aniversário de São João. (...) O moçambique, o caiapó, o pau de sebo, e a congada, vem de tempos, nós temos relatos da congada, do caiapó se apresentando aqui em 1910, 1920, que é quando a Congada do Vô Daniel ou do Basilião, que eram de Piracaia. Nós temos relatos de congadas de 1900 se apresentando na festa de Joanópolis, que era a obra do Seu Jorge Norato Montenegro, tem um tal de Seu Nardo que fazia congada. Então você tem relatos, você pega festas em 1900, falam desses grupos que se apresentam até hoje. São mais de cem anos, **nós temos que valorizar esses grupos**, eles vem, nós temos que continuar trazendo eles porque existe uma ligação muito forte com relação a isso." (Manoel)

Ao abordar a migração, um assunto recorrente na sua história pessoal, Diego apesar de não ser nascido em Joanópolis, coloca como ser munícipe da cidade (aquele que habita em um município) é motivo de orgulho, principalmente em função da Festa de São João. Em seguida, ao tratar do seu costume de sempre vir para a Festa mesmo não morando mais em Joanópolis, Diego significa o evento como um local de encontro, que fala sobre e resgata a cultura local;

Você pode ver que a galera mesmo, se forma, vão morar fora, mas quando eles tem uma brechinha de tempo, eles vem pra onde, vem pra Joanópolis. Tipo, podia ter morado a vida inteira aqui e fala 'eu não vejo a hora de ir embora.' Só que quando vai, qualquer amigo que ele conhece, ele fala 'cara, você tem que conhecer a minha cidade. Ela é muito louca, você tem que ir no São João lá, bagulho é louco lá.' Não tem um que não fale, então é um puta orgulho ser de Joanópolis, é daora. (...) Mesmo tipo, eu vim morar aqui com cinco, seis anos, mas na época a gente vinha todos os anos pra vim na festa. E, até hoje, eu nunca, tipo, deixei de vir, mesmo eu não estando aqui há alguns aninhos, assim. Mas eu nunca deixei de vir porque quando a gente encontra todos os nossos amigos que não moram mais aqui, você encontra o pai de amigos. Então é tipo um local de encontro e de...

Puts, fala muito sobre a nossa cultura mesmo, né? Tipo é um resgate bem gostoso assim que é, que a gente tem. (Diego)

Em relação às suas expectativas para as festas futuras, Silvio aponta para além da ausência da festa durante a pandemia, mas também ressalta a sua ausência dos palcos da festa há quatro anos. Em seguida, ao exprimir seu desejo por Festas de São João até o fim dos tempos, retoma sentidos já abordados no núcleo anterior (Ausência de festa marcado pelo vazio – 4.2), com significações à respeito da festa simbolizar que está tudo bem, ou quase tudo bem, ‘tamo seguindo o que tem que ser’, num caminho bem andado em termos de saúde. Retoma também o que Manoel trouxe no núcleo inicial da discussão (Festa como mediação: Parte da identidade joanopolense e elemento de socialização - 4.1), e consideramos como o roteiro das festas juninas da região.

To ansioso pra tocar, pra ver as coisas, pra ouvir a musiquinha, pra passar frio, pra tomar quentão, pra comer, pra tomar pinga. (risos) E é isso que eu quero cara, to ansioso pra tocar porque faz quatro anos que eu não piso num palco numa festa de São João, e isso pra gente é muito doído. E ver aquele monte de gente cara, todo mundo colado esbarrando um no outro, eu quero ver isso cara, é isso que eu to ansioso pra ver. (...) E eu espero que, a vida inteira... até o resto do que tiver que ter, tenha festa de São João, até os fins dos tempos aí vamo supor assim... Então até os fins dos tempos eu quero que tenha festa de São João, porque simboliza que tá tudo bem, só isso, pro mundo, não só pra gente. Até porque pro mundo entre aspas né, aquela porra lá na ucrânia, enfim. Mas, tendo a festa, tá tudo bem. Tamo seguindo o que tem que ser, como todo ano faz. Vai ter a festa, vai ter a festa de Piracaia, vai ter a festa de Atibaia, e tem a de Joanópolis, e tá tudo bem. É o que simboliza pra mim, então eu espero isso, que sempre tenha festa (...) simboliza que tá tudo bem, quase tudo bem mas tá tudo bem, já estamos num caminho bem andado num sentido de saúde. E é isso que espero cara, eu quero que sempre tenha festa de São João, espero que nunca mais aconteça isso que aconteceu, com nenhum país em nada. Eu to ansioso pra tocar, pra ver as barracas, ver gente, tudo isso daí. (Silvio)

De modo similar com Silvio, as expectativas de Luiz e Claudia apontam para sentidos positivos em relação às festas por vir, ansiosos pelas comidas, apresentações, novos atrativos e um público renovado.

Tamo ansioso, tamó assim sonhando que vai ter uma festa boa, porque o povo tá na expectativa né, todo mundo na expectativa de festa, de rua caipira, de comida caseira, e caiapó, e banda, e dupla sertaneja e artistas. Então tá todo mundo na expectativa mesmo, nós tamó achando que vai dar uma festa boa e ficar muito contente. (Luiz)

Eu to ansiosa, espero que dê tudo certo, que ocorra tudo bem, que Deus olhe por a gente, que não aconteça nada de ruim na festa sobre a doença, e eu to ansiosa pra ver como que vai ser agora, porque eu acho que vai ter coisa nova né, ficou três anos sem ter a festa né. E agora eu acho que vai vir mais turista, mais pessoas de fora. Então, espero que vai ter coisas novas, as pessoas vão se renovar. (Claudia)

4.4. Historicidade da festa - homenagem aos antepassados e fundadores do município

Antes de adentrarmos no núcleo a seguir, é importante retomarmos a noção de historicidade e alguns dos seus aspectos apresentados na introdução teórica da pesquisa com base na Psicologia Sócio-histórica. Como proposto por Aguiar e Ozella (2013), a historicidade trata-se de uma categoria fundamental deste pensamento teórico pelo seu potencial de tratar da gênese e dos processos de transformação dos objetos, pois nos permite olhar para a realidade e pensá-la em movimento, e até apreender seu movimento. “O que é?” deixa de ser a pergunta principal em relação ao objeto para dar lugar à questão de “como surgiu?”, “como se movimentou e se transformou?”.

Como expresso em Gonçalves e Bock (2018, p. 136.), consideramos que o fundamental da afirmação de Silvia Lane por uma nova concepção de homem para a psicologia - que toma o ser humano como histórico, com base no materialismo histórico e dialético - é o reconhecimento do ser humano não como sujeito meramente individual, concepção natural do liberalismo e hegemônica na psicologia durante muito tempo, mas o sujeito histórico. Nas palavras de Silvia Lane (1984a apud GONÇALVES; BOCK, 2018, p. 136.), o ser humano que deveria ser recuperado “(...) na intersecção de sua história com a história da sociedade – [sendo que] apenas este conhecimento nos permitiria compreender o homem enquanto produtor da história.” Assim, a partir de Gonçalves e Bock (2018) consideramos a categoria historicidade como fundamental para a abordagem, sintetizando nela:

(...) essa compreensão de história, que impõe a necessidade de desnaturalizar os fenômenos sociais e psicológicos e tomá-los em sua constituição processual e contraditória. O que temos feito, a partir dessas referências, é desenvolver categorias teóricas que permitam captar a historicidade do fenômeno psicológico, da subjetividade em sua constituição na relação dialética com a objetividade material e histórica. (p. 136.)

Entendendo a relevância da noção de historicidade para a abordagem teórico metodológica adotada, o presente núcleo pretende exprimir o processo histórico de constituição do fenômeno da Festa de São João, à luz das determinações históricas, políticas e sociais apresentadas pelas falas de Márcio e Manoel. Por sintetizar e nos indicar as significações cruciais do núcleo em questão, a partir do trecho a seguir de Márcio que surgiu a inspiração para junto da longa apresentação de Manoel, constituir tal núcleo. No trecho seguinte, Marcio inicia significando a festa como celebração da sua vida na cidade, como forma de homenagem aos fundadores incipientes da cidade, e aos seus bisavós italianos que migraram para a região inspirados pela obra de Carlos Gomes, compositor de ópera;

Olha, a gente tem um vínculo muito grande com a fundação da cidade, com o pessoal daquela época. Então a cada festa de São João, a gente celebra assim, um ano a mais, de um fato que aconteceu, histórico que aconteceu lá atrás, e eles decidiram fundar a cidade numa época bem incipiente. Não tinha nenhuma rua calçada aqui ainda, era um bairro, mas um bairro muito bem traçado sabe, uma planta muito (...), com ruas largas, já uma visão assim futurista, muito importante e a gente tem admiração pela pessoa que teve essa visão lá atrás. Então, a cada ano que passa, a gente comemora um ano a mais, da nossa vida aqui na cidade, da lembrança dos antepassados, pessoal que veio. Nossa família é toda de imigrantes italianos, então a gente saiu de lá, um clima de guerra na europa e tal, e teve que se deslocar pra cá. Aquele músico, Carlos Gomes, teve muita influência na imigração. Ele foi exilado na Itália, ficou ali na região fazendo propaganda do Brasil, e os nossos bisavós, influenciados por ele também, podiam ter ido pros Estados Unidos, vieram para o Brasil. Pela narrativa do Carlos Gomes né, autor da ópera Guarani. (Marcio)

Já Manoel, historiador com bastante tempo de pesquisa dedicado à história da fundação do município, pôde nos trazer com sentidos similares aos de Márcio (de homenagem aos fundadores e antepassados), mais elementos em seu discurso relacionando a fundação da cidade não só com a Festa de São João, mas pautada também na migração portuguesa, economia cafeeira, Igreja Católica e Maçonaria. Os seguintes trechos estão em ordem e compõem uma boa parte da entrevista onde Manoel discorreu sobre importantes temas da sua pesquisa como historiador, entre eles: a respeito da migração portuguesa para a região; o uso de uma parte do atual município como importante caminho entre a capital da época (Rio de Janeiro) e as cidades do Vale do Paraíba; os jovens liberais abolicionistas que inicialmente investiram em algodão na região e em seguida em café - que sustentou a economia-política por décadas, realizam uma festa em 1878 e doam terras não apenas para

construir uma igreja para São João, mas já visando construir uma cidade; a formação do município em 1895, se desvinculando de Piracaia e a construção do Paço Municipal; a troca do nome São João do Curralinho para Joanópolis em 1917, mantendo a ligação com o padroeiro São João festejado na fundação; o período de crise e decadência de 1929 a 1936 até mais recentemente, se projetar na área do turismo inicialmente pela Cachoeira dos Pretos, e em seguida, com o Lobisomem.

Eu sou joanopolense e a minha família é daqui desde 1840, antes da fundação de joanópolis. Eu sou formado em história, e não tem como desvincular a festa da cidade. É muito forte esse vínculo, Festa de São João, Joanópolis, a fundação e do padroeiro né, ainda mais numa cidade extremamente católica.

Joanópolis foi fundada em 1878. Então vieram muitos portugueses, tinha o pessoal do Porto, tinha o pessoal de Viseu, tinha vários que migraram pra cá, já em 1800 e tralálá, eles trazem essas tradições portuguesas, inclusive o Domingos Fernandes de Almeida, que tem uma casa próxima à uma santa cruz. E eles tentaram à priori, há duas vertentes, uma vertente que eles vieram todos de Piracaia, claro por que era a sede do município, e que lá tava o partido conservador. O partido conservador tinha uma rivalidade com os liberais, e esses liberais eram jovens na época, vai ter uma série dessas pessoas que resolvem investir no Bairro do Curralinho. E eles vieram pra investir no algodão e não deu certo o algodão. E daí passa um período, eles começam a investir no café, e aqui é uma coisa que dá certo.

Então a primeira coisa que nós temos que apagar da nossa mente são duas estradas, Fernão Dias e Dom Pedro. A capital do Brasil era o Rio de Janeiro. Então se você saía por trás de Piracaia, o bairro do barrocão, você caía na cachoeira dos pretos, São José dos Campos tá aqui e aí, Rio. Então o eixo de comunicação com a capital e lugares do Vale do Paraíba, era aqui por trás, sai lá pelo bairro do Sertãozinho, vai sair ali perto de Monte Verde na Fazenda São Pedro, ali era a fazenda do Anselmo Caparico, um dos fundadores da cidade, e as filhas dele estudavam no colégio de Taubaté. 'Nossa, mas lá em Taubaté?' Não, ali em Taubaté. Não é pela estrada, não vai pôr a Dom Pedro na cabeça, é ali, vai passar a serra e chegou.

Aí, um belo dia, esses fazendeiros muito ricos, claro, se reuniram ao lado da casa do Domingos Fernandes de Almeida. Aí tinha uma jovem que é Ambrosina Pinto, que era casada com Lourenço Pinto, mas ela era filha de João José Batista Nogueira, um dos principais fundadores daqui, que era da cidade do Porto. E a juntam com Anselmo Caparica, que era filho do tenente português. E estavam aonde? Na casa do Domingos Fernandes de Almeida, que também era português, e resolveram fazer uma festa de São João. Reúne, ergue o mastro... Nesta festa, eles resolvem: 'vamos fazer uma igreja pra São João' e é o que caracteriza o início da vila. Aí o Luis Antônio Figueiredo já cedeu dois alqueires, o João José Batista Nogueira 'dou dois alqueires também.' Ou seja, cada alqueire é 24.200 metros. Pra fazer uma igreja, uma capela, seria a cidade toda. Então deram a cidade, o

Anselmo Caparica já traçou a cidade, desenhou as quadras, pode ver que todos os quarteirões têm 60 metros a parte velha, as ruas são super largas. Então eles já começaram com a ideia de ser uma cidade. É uma coisa curiosa, o Pedro de Oliveira Cesar que é dessa época, uma das primeiras atitudes dele é libertar todos os escravos dele. Ele era abolicionista e o Anselmo Caparica também, que era da maçonaria de Bragança, e eles eram republicanos, então viviam em conflito com o pessoal de Piracaia, só que dez anos depois já veio a república né, então eles eram uma garotada bem à frente do tempo deles. Nós nos acostumamos a ver eles com aquela barba dos velhinhos e tal, mas tem que pensar que lá atrás, eles eram pessoas de 22, 24 anos de idade querendo fazer algo diferente, e fizeram, criaram uma cidade que depois eles comandaram por mais quarenta anos. E hoje até as famílias deles continuam aqui, são alguns caciques políticos. E támo nós aqui né, minha família que eu tenho registro, chegou em 1840.

Tem lá o bairro dos bonifácios né, que é do Capitão José Bonifácio. Nós temos registro do Capitão, 1840 ele já tava aqui também, só que ele era do partido conservador, então nunca ele aparece muito, por que quem escreveu a história não contou, deixaram os conservadores meio de fora.

Daí em 1895, eles querem passar o município e se desvincular de Piracaia, o governo do estado faz uma exigência: 'Tudo bem, vocês passam o município, mas vocês têm que construir o Paço Municipal.' O que é o Paço Municipal, aquela história da cadeia embaixo e a prefeitura em cima, que vinha desde a época colonial, o estado em cima deles, de quem não merece, ou tem que estar sob a tutela do estado. Aí fizeram a cadeia embaixo, e a prefeitura em cima, só que tem que ser às despesas dos cidadãos. E aquela coronelizada, você conhece né: 'Deixa com nós, se o problema é esse, resolvido está. Dou tanto, o outro dá tanto, dou tanto...' Juntaram onze contos de réis, na época um bom dinheiro, e mandaram construir o prédio em menos de um ano. Você acredita que em menos de um ano o prédio estava pronto, a prefeitura, a cadeia, os postes, tudo. Pode ver que todas as cidades coloniais, vai pra Atibaia, o museu de Atibaia, a cadeia é embaixo e a prefeitura é em cima. Por causa de, passar sempre essa ideia de o estado acima das pessoas, ou as pessoas presas ou ingratas, tuteladas ao estado, e também a polícia, o exército, tutelado ao estado. Não é à toa também, tem essa visão do por que que eles faziam isso. Podiam fazer do lado, mas não. Aquela questão bem estamentária mesmo.

Daí eles fazem isso, a vila passa a ser município, e vai até 1917 com o nome de São João do Curralinho. Depois eles resolvem mudar de nome por diversas questões, porque Curralinho é um curral, daí o pessoal da cidade vizinha fazia piada. Aí resolveram mudar o nome, e daí prevaleceu o nome indicado pelo Evilácio Caparica, que foi Joanópolis, que é cidade de João. Quer dizer, ainda manteve a ligação com o padroeiro. Até se pensou em chamar Alpes da Serra, graças a Deus que não frutificou. Porque não queriam perder a questão do São João, não iam deixar. Não ia conseguir aprovar nenhum nome que desvinculasse São João da própria cidade, então o Evilácio foi maravilhoso com a cidade de João e ficou até hoje. E depois tudo isso foi alicerçado no café, então você vai ter salas de teatro, salas de

cinema na cidade, grupos, bandas... E aí esses coronéis do café, que na época, muita coisa eles bancaram do bolso, escola, obra, eles fizeram e aconteceram.

E aí '29 veio a crise, e isso afeta muito eles. Um dos maiores líderes é o Coronel João Ernesto Figueiredo, mas em '33 ele morre já com bastante idade, Francisco Wollers que era um outro líder já tava bem velho também, e aí começa uma nova fase da cidade, que ela entra numa decadência grande até '36, aí depois tem o surto de tifo ainda, aí depois a cidade dá uma levantada. E depois, ela ficou meio assim, entre pecuária, agricultura, até ela projetar de novo na área do turismo.

Daí começa essa história de cachoeira em '69, depois ela caminha um pouco, cai um pouco e fica um turismo fraco, daí vem o lobisomem e explode a cidade. E dá um novo ar, porque joga Joanópolis na mídia, joga tudo e Joanópolis começa a ter um outro evento turístico a partir do lobisomem. Que curiosamente, graças a quem? **À mulher que escreve uma tese de doutorado sobre o lobisomem**, que é neta de quem? Do Anselmo Caparica (risos). Esses Caparica sempre contribuíram muito com a cidade, em todas as formas possíveis e imagináveis. É muito bacana o quanto eles fizeram pelo município. (Manoel)

A referência que Manoel faz acima à mulher que escreve uma tese de doutorado sobre o lobisomem foi abordada no capítulo 1.5 e impactou significativamente a cidade. Trata-se da publicação "*Lobisomem: assombração e realidade*", publicado em 1983 pela autora Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima, diretora do museu do folclore de São Paulo.

Considerando a visão exposta, nas falas de Manoel e Márcio, mas também nos demais relatos apresentados até então, podemos considerar a Festa de São João como um elemento primordial no surgimento da cidade, sendo constitutiva da sua anual celebração e da subjetividade dos seus atores sociais.

Algo relevante de ser destacado, é a maneira que a influência da cultura européia herdada junto da festa se faz bastante presente até hoje na cidade e na festa, aparecendo na fala de Márcio através dos seus bisavós italianos, e com maior relevância os migrantes portugueses nas falas de Manoel. Como exemplo da influência européia que a Festa de São João carrega até os dias atuais, a seguir, Manoel traz apontamentos de como os elementos culturais simbólicos que o evento envolve como barulho, foguetes, fogos, bandeiras coloridas, mastro tem um porquê, são heranças que simbolizam determinadas tradições;

Todos os santos que você comemora na Igreja Católica, você comemora a morte, o dia de Santa Luzia, 13, foi o dia que ela foi morta. O dia de Santo Antônio, 13 de junho, foi o dia que Santo Antônio

morreu, porque eles entraram na glória do Senhor a partir da morte. São João é o único Santo da Igreja Católica que comemora o nascimento, porque ele vêm apresentar a Boa Nova. Então é o aniversário dele mesmo, por isso que as festas de São João são tão ruidosas, barulhentas, festivas. Apesar da morte dele ser 29 de agosto, quase ninguém comemora, pra todo mundo é a festa de São João porque ele vem trazer a Boa Nova, então ele tem esse diferencial dentro da própria Igreja. Então isso causa, por isso que São João é tão ruidoso, tudo barulhento, fogueteiro. E é o que eu falo, existe simbolismos atrás disso, então a gente não põe bandeirinha lá na torre da igreja porque é coloridinho, é a questão da alegria do nascimento de São João batista. Em alguns países do oriente, era costume escrever orações nas bandeiras ou pedidos e colocar ao vento, pra quando elas tribularem emanar as orações dos pedidos que ela tá fazendo. Ela tem uma origem, ela tem um sentido, ela tem um porquê. O mastro, a gente não levanta por que é bonitinho, é a história da lenda do nascimento de São João Batista, que ele é primo de Jesus, e a Virgem Maria estava grávida e a prima dela Santa Isabel estava grávida, e elas combinaram, quem desse a luz primeiro, uma chamaria a outra, daí Maria falou assim ó, 'quem der a luz primeiro, levanta um mastro que eu vejo de longe e vou lá ajudar você.' Quando São João nasceu já era noite daí ela achou que Maria não ia ver, ela acendeu uma fogueira no pé do mastro, que é a fogueira de São João, então você vê que o mastro tem um por que, além de ser um símbolo fálico herdado antigo, que tem essa questão profana também, por que antigamente penduravam frutas, milho, tudo o que se colheu na lavoura era costume colocar no mastro. Na hora que cavavam para pôr o mastro, jogavam moedas dentro, umas coisas que meio que se perdeu. Mas o mastro continua em pé, levantam o mastro e acendem a fogueira, uma fogueira pequena, simbólica, e há a chamada bênção do fogo, que é uma renovação do fogo de São João Batista que o padre faz maravilhosamente bem. Então tem um porquê. A bandeirinha tem um porque, o mastro tem um porquê. Essa coisa de São João é muito interessante pra gente. (Manoel)

De maneira complementar, aborda a tradição de distribuir, enfeitar, e em seguida, recolher os andores que irão carregar os santos como uma atividade que desperta uma concorrência saudável, demonstrando como a estrutura da igreja católica se manteve bastante firme, preservando determinadas práticas através dos anos (tema este da perda das práticas culturais que será central para o núcleo seguinte e final);

Olha, a parte religiosa, os andores, tem essa história do recolhimento dos andores, os andores que vai carregar os santos, lá desde 1800 e bolinha, vai por exemplo na tua casa, eu vou mandar o andor de São Benedito, você que é devoto de São Benedito, você vai levar o São Benedito, você vai levar o andor dele e você vai enfeitar o andor dele. Aí eu vou levar da Nossa Senhora da Luz, o outro vai levar Nossa Senhora Aparecida, o outro vai levar do Divino Espírito Santo... E é legal por que um dia antes da festa, é o dia do recolhimento dos andores, então fica todo mundo de olho, há uma concorrência muito

saudável. Curiosamente eu vi isso em Portugal na cidade de Amarante, em 2009 que eu estive lá na festa de São Gonçalo, e eu vi como a influência de Portugal em Joanópolis é grande né, desde a escolha do padroeiro e o tipo de festividades, então isso daí é uma coisa que me chamou muita atenção que tinha no passado e continua vivo da mesma forma. Depois da missa das 10h, desde que construíram a primeira capela, e a ecunização da primeira imagem de São João, foi às 10h da manhã, e eles mantém essa missa das 10h até hoje, geralmente com a presença do bispo. Então é uma coisa que me chama a atenção, e obviamente o levantamento do mastro, fogueira, depois a saída da procissão à tarde, São João rondando as ruas da cidade, abençoando todo mundo. Então a igreja católica, eu senti que ela se manteve muito firme, toda a estrutura da igreja católica é assim né. (Manoel)

Por fim, o seguinte trecho de Manoel exprime justamente a idéia exposta por Neves (2017) acima no capítulo 1.4 - Histórico da Festa de São João, onde ao fazer uma interpretação da fogueira de São João, o autor analisa como a fogueira foi associada a novas simbologias por parte do catolicismo, integrando-a em uma nova rede relacional simbólica não antagonica aos ideais cristãos como nas práticas pagãs, mas com estímulos católicos.

A igreja católica re-aproveitou o paganismo e deu uma roupagem nova. Foram muito espertos, ela se sobrepôs culturalmente, em vez dela ir de frente, ela vestiu uma roupa nova aos santos. E eu acho que foi uma sacada da igreja católica maravilhosa. (Manoel)

4.5.Festa como manifestação cultural engajada a ser gerida, cuidada, tombada e ampliada - ser se colocando em ação com motivação

A partir dos principais conflitos, demandas e contradições que puderam ser identificadas nos discursos dos entrevistados, o presente núcleo pretende sistematizar as principais falas que explicitam tais discussões, como: o conflito de interesses econômicos com os comerciantes locais em relação a Festa; as modificações positivas que o evento vêm passando nos últimos anos; eventuais perdas culturais que vêm ocorrendo ou que possam vir a ocorrer; o fato da cultura local ser centralizada na data e portanto, concentrada em torno do evento. Por fim, também serão discutidas algumas proposições e potencialidades da festa e cultura local possíveis de serem captadas, que revelam a motivação dos sujeitos e dialogam com a noção de cultura adotada na pesquisa em questão.

Em relação ao conflito de interesses econômicos com comerciantes locais, podemos considerar certas contradições nas falas de Marcio (Comerciante, 63 anos

de idade) em relação às de Manoel (Historiador, 54 anos de idade) e Helena (Educadora/Barraqueira 60 anos de idade). A princípio, Márcio apresenta sua visão enquanto comerciante da cidade, em relação a Festa de São João manter equivalente os rendimentos econômicos com a troca de público nos comércios e pelas famílias locais concentrarem os gastos financeiros na festa (já tratado no núcleo inicial da discussão, “Festa como mediação: parte da identidade joanopolense e elemento de socialização”), consumindo menos nos meses seguintes à festa

Então é uma concentração de gente muito grande, isso aqui fica entupido de gente. Então pra nós comerciantes, não sei se a festa é (...) Foram dois anos sem festa né, que a festa deixou de acontecer, pro nosso comércio aqui não fez tanta diferença assim no fechamento do mês. Por que o que acontece, o centro da cidade fica todo fechado, então aqueles fregueses tradicionais, muita gente acaba não vindo, pela dificuldade de chegar no comércio. Então a gente vira mais um comércio pra atender o público da festa. Muda totalmente o perfil do comércio, e o retorno é meio equivalente, há uma perda e por outro lado você recupera o fato do pessoal não poder vir comprar o seu produto, aqueles clientes tradicionais. Então é uma compensação mais ou menos que equivalente. Não sei se compensa ou não compensa pra nós, mas a cidade fica muito feliz, é uma alegria só. Você vê as crianças, os pais. Eles até acabam se excedendo no gasto, por que depois que passa a Festa de São João, aquele pessoal que se empolgou, eles chegam a se endividar ao fazer a vontade das crianças. Então, depois da festa, vai assim uns dois meses, para voltar ao normal de novo, por que dá uma parada, acaba o dinheiro no bolso do pessoal (risos). A gente sempre ficava nessa dúvida, sempre se questionava na associação comercial, a gente não sabe se a festa é benéfica ou maléfica, justamente por isso, tem a perda e tem a compensação. (Marcio)

Em seguida Manoel aborda a questão do preço diferenciado das barracas em relação aos comércios locais, e a oportunidade de consumo que a festa representa para aqueles que não acessam outras regiões e grandes centros comerciais

Aí eu vou abrir um parênteses, que as pessoas têm um discursinho desagradável aqui... 'Alexa, acende a luz.' Eu sou antigo, mas eu sou moderno (risos). Os barraqueiros, eles vem e eles compram os espaços, a última festa que eu participei, só o espaço das barracas o que renderam ao município... Já deixaram pros cofres mais de cem mil reais. Então, eles deixam esse dinheiro. Aí tem comerciantes, que não gostam e fá'ssim: 'é, esses barraqueiros vêm, as pessoas gastam tudo na barraca e depois Joanópolis fica falida por que o dinheiro vai tudo pra fora.' Esse discurso existe, mas eu sempre contesto pelo seguinte ponto, eu até brinco com o pessoal que reclama assim: 'Fiô, eu espero o ano inteiro pra comprar três cueca por dez e meia cinco por dez. Agora eu vou compra na sua loja e uma cueca custa trinta.' Então é uma questão de concorrência.

Dizem: 'Ah, mas parece muito uma 25 de março!' Que ótimo que é uma 25 de março, por que muita gente do sítio, não tem condição de ir na 25 de março, nem sai de Joanópolis, nem vão pra São Paulo, não sabe nem andar em São Paulo, então de repente num ano, ele vai comprar as coisas que ele não vê nas vitrines daqui, nas lojas daqui, com um preço altamente excessivo. Ele vai comprar o radinho dele, a caixinha de som da china, que antigamente era do paraguai, da china, ele vai ter a oportunidade de comprar caramba. Nós temos que dar essa oportunidade também. (Manoel)

E por fim, a Helena coloca a questão do fiado que muitas vezes deixa de ser pago no mês de junho, pelas famílias concentrarem os gastos financeiros na festa (também já tratado no núcleo inicial da discussão Festa como mediação: parte da identidade joanopolense e elemento de socialização - 4.1), e também como os próprios barraqueiros abastecem a economia do município;

Uma coisa cultural negativa, a gente ouve falar isso há anos, e virou uma cultura, não é uma coisa cultural, virou uma cultura: os comércios ficam muito bravo, comércio de roupa, por que aqui ainda compra muito fiado, e as pessoas vão em maio compram e falam: "no mês que vem eu pago." Só que eles não pagam mês que vem, só que o comércio já sabe disso. E eles vendem porque eles sabem que vão receber depois, só que não vão receber em junho, vão receber em julho. Por que em junho o povo não paga por que vai gastar o dinheiro na festa. E esse dinheiro, da rua caipira gera aqui Joanópolis né. Agora as barracas que vem de fora, vem muitas barracas de fora, levam um dinheiro embora, mas eles compram aqui. As barracas de comida, eles compram tudo no mercado aqui, então deixa dinheiro aqui também. (Helena)

De modo similar, Manoel coloca como os próprios barraqueiros não só abastecem suas barracas com produtos locais na festa, mas também como consomem e injetam dinheiro na cidade;

Mas por outro lado, as maiores barracas, as que pagam mais e as que mais tem movimento, são as barracas de comida. Aí o pessoal fala assim: 'Ah, mas o cara traz o pernil da outra cidade que ele já veio.' Vamo pôr Piracaia que é o último, eu falo assim: 'gente mas ele enrola até no cobertor, vem bonitinho o pernil.' Só que isso é mentira, porque ele vendeu lá. E a rotatividade da festa, da comida da festa, que faz com que eles comprem no açougue daqui, no mercado daqui. Eles vão ter que comprar pão na padaria daqui, pra fazer os lanches, aí vai ter que comprar tomate daqui, cebola daqui, comprar carne daqui. Então eles consomem no mercado daqui, giram a economia comercial daqui. E eles se hospedam aonde? Na cidade, eles alugam casa, alguns alugam banho, eles dormem na barraca, e conheço amigos que fala 'cê quer tomar banho na minha casa, é vinte conto.' Então aluga banho, aluga quarto, consomem no mercado local e pagam o espaço das barracas. Quer dizer, quem paga a festa praticamente são os barraqueiros. Há uma injeção de dinheiro nessa economia, que eles

não percebem isso. Então tem que tomar muito cuidado com esse discurso também, a gente tem que ver o outro lado, como funciona. (Manoel)

Complementando, Manoel aborda as atividades da Igreja que também geram bastante dinheiro para o padre utilizar da maneira que bem entender, podendo também ser eventualmente considerado uma fonte de renda que permanece na cidade.

Ah, e a igreja como fica nessa situação. A igreja arrecada entre leilão de bezerro, porque é costume se guardar um bezerro, ou porquinho pra São João, por exemplo na minha casa sempre se guardou um dinheirinho, porque tem a barraca da festa e tem que dar prenda pra São João, ou o bingo que começa já em maio e a igreja lucra com o bingo, tem os bolos de São João que todo mundo doa os ingredientes ou dão até o bolo pronto que é vendido aos pedaços e tem o leilão de gado de São João. Por baixo, isso rende cem mil reais livre pra igreja, vai pra igreja e o padre usa como ele quiser. Vou dar o exemplo do padre Edison, todo o dinheiro que entrou da festa ele reformou a igreja, trocou o piso, pintou a igreja, fez um trabalho magnífico na igreja, então, onde tá esse dinheiro? Tá na cidade, foi reposto na cidade. Na parte profana, os barraqueiros praticamente pagaram as atrações e as despesas da festa. Então tem essa questão, a gente vê um conflito de interesses do pequeno comerciante ou a pessoa que pensa pouco mas não vê o outro lado, eu não sou obrigado a gastar só na loja deles, se eu tenho a oportunidade pelo menos uma vez no ano né. (Manoel)

Quanto às diversas mudanças e modificações positivas que houve na festa ao longo dos anos, Manoel e Helena abordam as melhorias na infraestrutura e a criação da Rua Caipira, para serem comercializadas somente comidas típicas por joanopolenses, como uma forma positiva de valorizar a cultura local.

E na parte mais profana, a festa se modificou muito, mas de forma muito positiva. Hoje, vamos começar pela higiene, hoje as barrancas são muito mais limpas do que há décadas atrás, acho que a higiene hoje é muito maior porque a prefeitura desenvolveu encanamentos aonde colocam as barracas, coisa que não tinha, lavavam as coisas na bacia, no balde. Então, pra você ter uma idéia, eles tiraram alguns paralelepípedos e tem todo o encanamento de água potável já servida, própria para os barraqueiros já se virarem, ó que legal. Já tem os bicos de luz prontos, só pegar e puxar. Então se montou uma estrutura hoje muito positiva, selecionou as barracas, hoje nós temos mais barracas de comida. Tinha por exemplo barraca de venda de peça de fogão pra você ter uma idéia, tinha barraca do tiozinho que consertava cabo de panela, hoje não existe mais esse tipo de barraca, então a coisa se profissionalizou, a coisa melhorou muito, a festa cresce, e cresceu, na minha opinião, de forma positiva. (Manoel)

Tem a Rua Caipira aqui, que há uns... eu sou meio difícil pra data, mas eu penso que há uns dez anos, numa gestão aí uma secretária de turismo, ela inventou a Rua Caipira, que era aqui próximo inclusive. Só podem pessoas de Joanópolis, e a estrutura das barracas são

todas de madeira. Antes era de sapê, mas deu um problema de pegar fogo uma vez numa barraca, que apagaram, não teve danos físicos a ninguém, mas aí no próximo ano começou a ser telha de cerâmica né. Agora mudou pra outra rua porque aqui tava pequeno. Aí só pode vender comidas típicas, não pode vender nada moderno, só comidas típicas, tudo de pinhão, eu vendo bolinho caipira que é com farinha de milho que é do vale paraíba, peguei uma carona com eles. A gente também vende paella caipira, ao invés de ser frutos do mar, vai linguiça, vai frango, vai carne de porco, etc. É uma paella, só que nós adaptamos aqui. E tem a comida do lobisomem que é famosíssima nessa rua, batata recheada, enfim, é uma rua só de joanopolenses. E é muito legal, muito legal. (Helena)

Complementando, temos Luiz que nos apresenta também um aspecto positivo que na sua visão é imutável, isto é, o ‘jeitão caipira’ da festa, a cultura antiga na rua diz, ‘o povo faz por conta mesmo’.

A organização da festa mudou, só que tem uma coisa que eles não conseguem mudar, é aquele jeito da festa bem caipira mesmo. Isso aí eles não conseguem mudar. Tendeu? Não consegue mudar porque, às vezes eles proíbem uma coisa, proíbem outra, mas eles não conseguem mudar aquele ritmo que nós tem lá de antiguidade mesmo, que é o jeito caipira de comemorar o São João Batista mesmo, o jeito caipira o povo faz por conta mesmo. Não é nem que, na realidade, a modernização de hoje quer mudar, mas não consegue mudar o caipira, o estilo caipira mesmo daqui né. Vem os Catireiro, os cantador tipo esse nosso assim, vem o caiapó, do mesmo jeito que era antes, vem a congada também do jeito que era antes. Pode por no palco principal aí... Às vezes vem né, uns artista moderno, mas na rua é a cultura antiga mesmo, então não conseguem mudar. Muita coisa mudou né, mas não consegue muda isso. (Luiz)

A respeito das perdas culturais com o tempo (não necessariamente relacionadas à pandemia e ausência da festa), Marcio aborda o fato das pessoas terem se afastado da tradição religiosa frente às opções de comidas e novidades que o evento proporciona e que geralmente não circulam pela cidade.

E o pessoal, do meu ponto de vista, se afastou um pouco do ponto de vista religioso da festa, pessoal se concentra mais no mercado que vira, que oferece comida, novidades, ferramenta, roupa, enfim. É um leque de opções que normalmente você não tem na cidade. Então, você come uma cocada baiana, come um pastel, come bolo de milho, um monte de coisa que normalmente, em tempos normais você não encontra. (Marcio)

Diferentemente, em relação às eventuais perdas culturais, Manoel aborda no primeiro trecho a seguir a sua preocupação com a perda de tradições, como foi o caso de gestões anteriores que diminuíram a quantidade de apresentações folclóricas; a importância da harmonia entre antigo e novo; a redução e atual dificuldade em

encontrar bandas que acompanhem a procissão. Trata também da política desigual quanto à valorização das atrações locais e folclóricas em relação aos artistas modernos.

O que me preocupa na festa de São João é perda de tradições. Já houveram anos anteriores de outras administrações que você percebe que houve uma diminuição do número de folclores. Eu acho muito errado assim, você traz uma banda que toca funk, e deixa de trazer às vezes um Moçambique que é muito interessante. Não que não possa trazer outro, mas a festa tem que tá o antigo e o novo tem que tá em harmonia, você tem os jovens e as pessoas velhas também. A minha preocupação é quando começar a acabar violeiros, acabar grupos folclóricos, aí eu acho que seria um crime. (...)

As bandas, infelizmente diminuiu muito, então tinham bandas que acompanhavam a procissão. Hoje em dia tem uma banda, e olha lá com uma certa dificuldade de você trazer. O que eu reclamo de injustiça, é você pagar quinze, vinte mil pra um conjunto tocar num palco e você não dá quinhentos reais pra esse pessoal, sei lá, trocar as cordas da viola, ou o grupo de Catira comprar um jogo de camisas novas. E nós temos um grupo de Catira que se apresenta aqui que é coisa bárbara, fantástica, e praticamente não cobram nada, mas sempre a gente pede uma ajuda de custo pra eles poderem se manter também, existe um gasto em cima disso. Pra você ter ideia, esses grupos vêm em troca de você mandar condução e alimento, e um almoço. (Manoel)

Seguindo na mesma temática da gestão política e seu poder de influência na cultura local, Diego apresenta de forma negativa o caso de um amigo que deixou de se apresentar na Festa de São João devido a conflitos e interesses políticos, o que na sua visão: “não pode rolar na Festa de São João, que é a coisa mais importante que a gente tem aqui na cidade” (Diego).

Eu tenho amigos meus que por coisa política, não se envolveram na festa, ou não foram atrás deles pra eles se envolverem. E a gente músico, fica triste por que a gente consegue um espaço pra gente mostrar a nossa música, o nosso trampo, e às vezes o outro colega nosso que tem até mais estrada, ou mais talento que a gente, ele não conseguiu um espaço simplesmente não por que ele não é capaz, mas sim por causa de coisa política. Eu acho que existe em todo canto isso, mas é quando deixa de lado o esquema da cultura, pra ser só por interesse, e isso daí eu acho que não pode rolar na Festa de São João, que é a coisa mais importante que a gente tem aqui na cidade. (Diego)

Em relação ao período em que não houve Festa na rua, Diego nos traz um aspecto bastante contraditório em relação as demais significações colhidas, tomando a ausência do evento como eventualmente positiva para que a Festa ‘dê um breque’

e retorne mais aconchegante, com mais essência de festa.

(...) E de certa forma, foi bom até dá um breque às vezes, sabe? Porque tipo, a gente vê que tava saindo um pouco também do, (...) esquema que é a festa assim. Porque eu me lembro da Festa, ela ter uma... Como eu posso falar? Ter um barracão do padre no calçadão da praça, com bingo e um palco onde tinha todos os shows. Eu lembro disso assim, que era bem assim, o meu início na Festa. Agora você começa a olhar tipo são três palcos, tem uma rua que é só de gastronomia, tem uma outra rua que é só de barraca de roupa, uma outra rua que é... Então ela cresceu muito, a Festa. E não sei se, de certa forma, o sentido dele deu uma, uma perda assim. Tanto que às vezes é bom cê dar esse breque assim, e recomeçar ela meio receosa. Vamo dizer, será que é um meio? (...) Receosa, mas mais aconchegante pra ver se resgata um pouco mais de ter a Rádio Festa à tarde, coisa que não tinha mais. A Rádio Festa era um trailerzinho, ficava parado com as caixas pela praça inteira, só rolando musiquinha de São João, falando as coisinhas, era bacana sabe? Aí quem sabe, num volta mais com o pé no chão mesmo, menos glamour e mais festa mesmo, mais essência de festa. (Diego)

A respeito da concentração da cultura em torno da Festa de São João, foi possível colher as seguintes significações, começando por dois trechos de Diego. No primeiro, apresenta o instrumento musical, a natureza e os esportes radicais como as principais possibilidades de lazer que a sua geração teve em Joanópolis, tendo participado de diversas bandas junto dos seus amigos.

A gente aqui, como você não tem muito o que fazer, a gente acaba se envolvendo muito com instrumento musical, com a natureza, com esporte radical. Então a gente tem já desde novinho esse contato. E os meus amigos acho que... 90% deles aqui tocam algum instrumento ainda ou já tocaram. Então era bem fácil assim, a gente ter um grupo e no nosso grupo de amigos sempre teve tipo três, quatro bandas assim, e eu era mais um no meio deles. (Diego)

Em seguida, ao ser questionado se achava que a cultura da cidade era muito concentrada na Festa de São João, aponta;

É um perigo isso aí se você for pensar né, porque você fica dependente de uma semana só. Eu acho que o potencial que a cidade tem aqui é muito grande, tem um material humano aqui muito bom cara. Se você pega a parte de música mesmo, poxa tem uma molecada aí, que é de uma quarta geração já de músico da família, que era a galera que era do São Gonçalo que tocava. (Diego)

De modo complementar, Silvio no seguinte trecho indica diversas significações relevantes: ao valorizar a presença histórica dos grupos folclóricos na Festa de São João, lamenta que não sejam valorizados para além de tal evento; em seguida, aborda

a importância da repetição e frequência como elemento pedagógico na transmissão da cultura local e tradicional, principalmente a partir da linguagem local, que vêm se perdendo;

E essa concentração nessa data é ótimo, porque nessa mesma data de 5 dias ou mais, tem o Catira, tem a festa de São Gonçalo, tem o Caiapó, tem tudo que é nosso aqui, tudo que é nosso só que nessa época só. Que ótimo né, tem! Mas devia ser mais valorizado assim, todo fim de semana, porque a repetição faz com que a gente fixe as coisas na cabeça, se uma criança ver uma dupla tocando, uma dupla de verdade, regional, música caipira, num coreto, ele vai olhar e vai achar interessante um violão, o cara cantando ele vai achar interessante. Talvez ele se interesse por tocar violão e o contrário também. Não to falando que todo mundo tem que ser músico, mas se a criança entender que Tônico e Tinôco é a base da música regional, ele pode ouvir Henrique e Juliano, não tem problema nenhum, só que ele vai saber que a base dele, que a essência, o verdadeiro é aquele ali, e assim em tudo. Ele pode aprender a falar 10 línguas, mas ele tem que saber o que significa 'Chibante' por exemplo, uma palavra nossa caipira, 'Desenxabido'."

"O que significa 'Chibante'?"

'Chibante' é orgulhoso.

"E 'Desenxabido'?"

'Desenxabido' é com vergonha, é que tem um monte desse tipo de palavra assim.

Por fim, temos a partir do seguinte relato do Silvio, uma questão relevante a respeito da transmissão da cultura linguística, que na sua visão vêm se perdendo;

(...) Então a gente tem que saber valorizar, não tem problema nenhum você falar palavras e saber, conhecimento é ótimo você falar línguas e tal, mas você não sabe falar português cara... A música que nós toca "Nóis é Jeca mas é Jóia" dum cara chamado Juraildes da Cruz, ninguém dá nada pra ele, é um velhinho desse tamanhinho assim. Um dos maiores poetas do Brasil, é maravilhoso, só tem letra que meu deus do céu... E aí ele fala né: "Andam falando que nós é caipóra, que nós tem que apreender inglês, que nós tem que fazer sucesso fora, deixe de besta nós nem sabe o português." Nossa, eu canto isso daí com tanto prazer, tanto prazer, porque ninguém entende, os cara nem sabe o que que nós tá falando (...) Eu falo: "nós somos tudo uns tonto, tudo uns pé rachado, não adianta querer ser mais que os outro, não adianta. (Silvio)

A partir das discussões levantadas ao longo das entrevistas, frequentemente os entrevistados passaram a elaborar pensamentos propositivos em relação às questões que lhes afetam. Importante dizer que as elaborações aqui expostas não se referem

à totalidade das discussões expostas até então, mas dialoga com os objetivos da pesquisa. A começar pelo seguinte trecho de Silvio

Então, acho ótimo, porque que bom que tem (Festa de São João), mas isso devia ter todo fim de semana, uma dança de catira no coreto, uma festa de São Gonçalo ali na praça. Não é forçar, porque é difícil achar gente que faz, os velhinho tão acabando. Então é foda, fica até pra mim uma responsabilidade por conta do meu vô, era pra eu tá fazendo festa por aí, sabendo reza, tocando viola. Não toco viola, sei arranha e brinco assim, mas não sei nem a letra do que era feito. (Silvio)

Se faz importante observarmos como além de propor que ocorram mais manifestações culturais locais ao longo ano, no trecho acima Silvio passa a assumir para si a responsabilidade de manter certas tradições culturais a partir da sua herança familiar, demonstrando tal fator como potencialmente motivador para a sua ação. Em sua fala, podemos observar um aspecto central para a discussão da categoria sentido exposta no final do capítulo 1.1 - Fundamentos da Psicologia Sócio-histórica na qual, a partir de Aguiar e Ozella (2013), tal categoria destaca a singularidade historicamente construída e refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade. Assim, temos a possibilidade de um processo específico em torno dos sentidos, constituídos a partir de complexas reorganizações e arranjos em que os elementos e vivências afetivas e cognitivas do sujeito são mobilizadas e acionadas. Portanto, como afirma Aguiar et al. (2009 apud AGUIAR; OZELLA, 2013 p. 305), “falar de sentidos é falar de subjetividade, da dialética afetivo/cognitivo, é falar de um sujeito não diluído, de um sujeito histórico e singular ao mesmo tempo.” Como visto em Gonçalves e Bock (2018, p. 154):

A partir de Vigotski, toma-se a subjetividade constituída na intersubjetividade, portanto a partir do significado. Mas, o significado, que é social e objetivo, é apropriado pelo sujeito a partir de sua atividade, o que implica uma subjetividade própria de cada sujeito, o que se expressa na atribuição de sentidos pessoais. Os sentidos representariam a síntese entre a objetividade e a subjetividade, já que unificam a atividade do sujeito sobre o objeto, o significado social produzido intersubjetivamente e que representa a atividade sobre o objeto e a subjetividade na sua dimensão emocional (subjetiva) e ativa (objetiva). (GONÇALVES, 2015, p. 91, apud GONÇALVES; BOCK, 2018, pág. 154)

De modo semelhante, Manoel na sua visão de historiador criado na cidade, propõe que certas práticas culturais da Festa de São João sejam tombadas, norteadas

a partir de uma diretriz que oriente a direção da verba da festa para priorizar os grupos folclóricos. Além disso, orienta para a importância da cooperação entre os secretários de cultura e de turismo, assim como entre as comissões da prefeitura e da igreja que constroem a programação das atividades.

Eu acho que deveria ser tombado como um patrimônio, a festa de São João ter uma diretriz, que nem as escolas de samba, tem que ter caiapó, moçambique, catira... Tem que ter um mínimo, pra gerenciar a verba da própria festa de São João. Então é questão de você saber equilibrar essas coisas, não é suprimindo. Eu penso assim, o secretário de cultura e turismo, eles tem que aprender a trabalhar em conjunto, porque a festa é muito antiga, e tem essa antiguidade dela né. É aquela história que eu sempre falo da festa, a comissão de festa da prefeitura municipal tem que estar harmonizada com a comissão de festa da igreja. As festas só dão boas quando se alinham a igreja católica com o poder público, porque aí não há conflito, muito pelo contrário as festas saem muito mais bonita, por que você tem que respeitar horários de missa, de procissão, tem todo um esquema da igreja e é tudo na praça, então a gente sempre alerta muito isso, trabalhem em conjunto. (Manoel)

Seguindo na mesma linha da proposta por mais eventos culturais na praça para expor a cultura local, Silvio no trecho a seguir, retoma a questão da transmissão cultural como possível elemento pedagógico, considerando também o ambiente escolar e a importância dos 'velhinhos' transmitirem seus conhecimentos e práticas culturais

Então eu acredito muito no que a cidade tem a oferecer de bom assim, mas se as pessoas e a prefeitura apoiassem, fizessem por exemplo, não sei se já tem, desculpas se tem eu não sei, todo fim de semana um som ligado, e tocar uma dupla, tocar uma banda na praça no fim de semana, já mudaria muita coisa. Na escola principalmente, não adianta querer mudar o adulto que muda também, mas se você começar pelas crianças, já é tudo, porque se a criança já cresce sabendo o que que é, onde ela mora, o que que ela é, o meio, já resolveria muita coisa cara. Então se souber que a base é a essência, a cultura e a raiz da pessoa, pode fazer o que for. Então queria que as pessoas, que as crianças principalmente soubessem disso. Então resumindo de novo, falei um monte de coisa, que bom que tem, que existe isso nessa data, mas eu queria que tivesse em mais datas, aproveitassem mais o que a cidade oferece, e o que os velhinhos tem pra oferecer, principalmente os velhinhos, eu idolatro os velhinhos cara, o que eles sabem, o jeito que eles falam, as palavras, então tinha que ter mais isso, todo fim de semana, alguma coisa do tipo. (Silvio)

Em seguida, considera a necessidade de um esforço coletivo da prefeitura junto das escolas e famílias na construção de ações culturais pedagógicas;

Então é triste assim, mas é o que eu acho, se os pais pegassem firme, a prefeitura investisse em aulas de música e arte, arte de verdade assim na escola. Não precisa ser pra todo mundo, não precisa ser todo mundo igual, nem quero isso, mas cara se uma maioria soubesse o que que é o bom, ninguém ia querer o ruim. (...) Mas enfim, a prefeitura ajudaria muito mas não depende só deles, eles tem a força pra fazer mas depende muito do povo, e eles teriam que tomar uma atitude de insistir no negócio, para que desse certo, mas às vezes acho que faz e desiste, e não pode desistir cara, tem que fixar, tem que forçar mesmo, daí vê que é bom e fica. Então ajudaria muito se eles tomassem algum tipo de atitude assim, que eu acho que vai tomar, espero. (Silvio)

Por fim, a respeito das perdas culturais e a importância de valorizar e fortalecer a cultura local, assim como a importância da festa na transmissão cultural para as crianças e próximas gerações, consideramos que os entrevistados abordaram principalmente as apresentações folclóricas, musicais e teatrais como importantes meios de transmissão e ressignificação da cultura local. Assim, nos trechos a seguir, podemos observar como Luiz, Manoel e Helena significam tais atividades como potentes ferramentas de transmissão cultural, principalmente pela sua possibilidade de ressignificar a cultura local.

O folclore, ele consegue se atualizar sim, se atualizar com o momento, com a atualidade, consegue sim, apesar dele ter o ritmo dele, mas ele consegue. Quando eu dançava Catira a gente modernizou bastante, e consegue acompanhar e vai se transformando a cultura. Até porque por exemplo, eu já não danço mais, então hoje tem uns menino novinho que nós começa a treinar, e forma aquele grupo de criança que vão aprendendo, que já tem uma outra visão da coisa, então nós tem que atualizar bem, mesmo que mantenha o jeito antigo, porque são gente nova agora, já foram gerações e gerações. Era meu avô, meu pai, depois fico eu com meus irmãos, hoje tamo passando pros novos né. Os meus filho não seguiu, mas a minha sobrinha, o meu sobrinho, tudo canta, dança Catira, Caiapó, nossa é uma beleza viu. (Luiz)

Só que eu acho que os jovens, a gente percebe que ele curte. Quando a gente traz as quadrilhas nordestinas, eles dão um show na frente da igreja, têm muito jovem que participa, que dança, que gosta. Ou mesmo hoje em dia no grupo de São Gonçalo, nós temos muleques novos participando do grupo de São Gonçalo, crianças participando do grupo de Caiapó. (...) E tem que ir inovando, tem que ir trazendo grupos, essas quadrilhas nordestinas nós trouxemos a primeira foi no ano 2000, e virou o que todo mundo gosta de ver até hoje, estamos em 2022 e todo ano convidamos elas para que elas venham. (Manoel)

E esse teatro que é "A primeira festa foi assim", retrata exatamente, o Valter fez o texto baseado em livros e em relatos, e o jeito que começou a festa, é o jeito que é hoje a festa, só que óbvio que muito maior, mas a essência é a mesma. E nesse texto, conta bem o que

cada fazendeiro fazia, qual era a posição dele na cidade, o que ele fazia na festa, é que eu não lembro muito, já faz 12 anos esse teatro. Nele eu apresento tudo da parte religiosa, que no dia 23 ergue o mastro pra falar que a festa vai começar, acende a fogueira, tudo isso eu representei pelo teatro. E a parte religiosa é bem forte, é bem legal a procissão de São João, é muita gente que vai. (Helena)

5. Considerações finais

Para encerrar as discussões e pesquisa em questão, iremos a seguir tratar dos objetivos elaborados para tal pesquisa, e a forma como os núcleos de significação elaborados até aqui, nos permitem atingir ou pelo menos nos aproximar de tais objetivos. Sendo assim, procuramos investigar a partir das significações - sentidos e significados - atribuídas por atores sociais que compõem a Festa de São João de Joanópolis: (a) de quais maneiras a ausência dessa celebração impactou aos moradores do município - isto é, como afetou as relações que os entrevistados possuem com o evento e entre os moradores da cidade; (b) de quais maneiras os entrevistados tratam dos eventos virtuais durante junho de 2020 e 2021; (c) as significações que os entrevistados atribuem à organização e participação social durante o evento, e também, o papel atribuído e desempenhado pela cultura local na Festa de São João; (d) as expectativas dos entrevistados para os eventos futuros; e (e) compreender o que as significações atribuídas ao evento têm a dizer sobre os processos de produção de cultura do município.

Importante salientar que, a partir do amplo conteúdo coletado, diferentes análises e conteúdos poderiam ser expressos, havendo uma série de conteúdos que não foram expostos na análise em questão devido ao curto período de pesquisa.

A partir das significações expostas no núcleo Ausência de festa marcado pelo vazio - 4.2, podemos considerar que a ausência da tradicional Festa de São João do município teve um impacto significativo nos entrevistados e população joanopolense de maneira geral, tanto na relação com o evento, como entre os moradores, principalmente devido ao seu caráter histórico e às expectativas corriqueiras que são depositadas ao evento. Apesar das importantes iniciativas do município de organizar apresentações de grupos locais por meio de *lives* e *delivery* de comidas da Rua Caipira abordados pelos entrevistados enquanto iniciativas positivas, os relatos significam a época como um período triste, silencioso e vazio, tanto em função da tristeza com a pandemia, como por não estarem seguindo a tradição da festa e da cidade, de estar pelas ruas na festa, reunindo familiares, encontrando parentes e conhecidos, se apresentando. Quanto a maneira que a ausência da festa impactou na relação dos entrevistados com o evento, nos núcleos Ausência de festa marcado pelo vazio - 4.2 e Festa como espaço de exposição, transmissão e projeção da cultura religiosa, musical, caipira e folclórica do município e região – 4.3, houve significações

de medo contraditórias, de perda de tradições culturais e a respeito da Festa retornar com mais essência de festa.

Em relação à participação social e o papel desempenhado pela cultura local na Festa de São João, no núcleo Festa como espaço de exposição, transmissão e projeção da cultura religiosa, musical, caipira e folclórica do município e região – 4.3, os relatos trazem significações da festa enquanto um importante espaço de exposição e manutenção da cultura histórica local, atribuindo às famílias um papel central na transmissão cultural das emoções, práticas e saberes entre as gerações. Ao abordarem as tradições folclóricas, consideramos estas enquanto um elemento central de participação social no evento, principalmente pelo seu caráter potente no que se refere a sua capacidade de transmissão da cultura local. Além disso, as significações do núcleo Festa como espaço de exposição, transmissão e projeção da cultura religiosa, musical, caipira e folclórica do município e região - 4.3, reforçam uma das questões centrais do núcleo Festa como mediação: parte da identidade joanopolense e elemento de socialização - 4.1, em relação à Festa de São João enquanto um elemento central na formação da identidade Joanopolense, profundamente marcada pela sua cultura festeira, constitutiva da subjetividade dos entrevistados.

De modo geral, as entrevistas se mostraram enquanto ferramentas úteis, capazes de permitir que os sujeitos elaborassem as suas frustrações e expectativas em relação ao evento, tomando a liberdade de construírem proposições a serem implementadas visando proporcionar avanços para a tradicional Festa de São João. Neste sentido, surgiram preocupações com relação a valorização política das culturas locais, e a possível perda das tradicionais apresentações de grupos folclóricos, bandas que acompanhem a procissão, e a importante manutenção de equilíbrio entre gêneros modernos e tradicionais. Neste sentido, Diego nos apresentou com uma visão diferente das demais, na qual a ausência da tradicional Festa de São João, eventualmente poderá ser considerada positiva, à medida que poderá retornar mais receosa e aconchegante, com menos *glamour* mas resgatando a sua essência de festa.

Sendo assim, ao longo das entrevistas fomos percebendo como além de desempenhar um papel central para a manutenção da cultura local, a Festa de São João constitui a principal oportunidade de exposição e apresentação da cultura tradicional, levando os atores sociais a proporem ações na direção de valorizar e

cuidar da cultura local e folclórica. Assim, em relação aos processos de produção de cultura do município, apesar da tradição de convidar tais grupos folclóricos para a Festa e a autonomia própria atribuída a cada um deles, surgem propostas para fortalecer a cultura local: organizando apresentações folclóricas de finais de semana no coreto da praça; elaborar e aprovar uma diretriz para tombar as práticas folclóricas na Festa de São João e direcionar uma parte da verba do evento para a sua manutenção; e também, uma possível ação coordenada e conjunta da prefeitura, junto das escolas e famílias para a maior promoção de ações culturais para as crianças do município.

Conforme exposto no início da discussão, a análise dos conteúdos das entrevistas nos possibilitou conceber a tradicional Festa de São João do município de Joanópolis enquanto um importante fenômeno sócio-cultural, com elementos simbólicos universais apropriados de modo particular pelos sujeitos que a compõem, a partir do seu contexto sócio-histórico específico. Os atores sociais entrevistados ao abordar as suas relações particulares com o evento, história do município e herança cultural, concretizam a universalidade nas suas visões singulares, explicitando o papel do evento como mediador das relações sociais, culturais e familiares do município e região, constitutivo das singularidades.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Núcleos de Significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia ciência e profissão**, v. 26, n. 2, pp. 222-245. 2006. Disponível em: www.scielo.br/j/pcp/a/QtcRbxZmsy7mDrqtSjKTYHp/?lang=pt. Acesso em 08 de jun. 2022.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, Abr. 2013. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812013000100015. Acesso em 08 de jun. 2022.

AMARAL, Rita de Cássio de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: significados do festejar no país que “não é sério”. Tese (Doutorado em Antropologia) - Curso de Antropologia - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde – CNS. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, DF, 2012. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 18 de outubro de 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde – CNS. **Resolução nº 510**, de 7 de abril de 2016. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 18 de outubro de 2021.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BUENO, Glauco M. **Pequeno vocabulário joanopolense - Uma contribuição para manter viva nossas raízes**. Joanópolis: [s.n.], 2008.

CIESP - Centro das Indústrias do Estado de São Paulo - Bragança Paulista. Dados da Diretoria Regional das cidades - Joanópolis. CIESP, 2021. Disponível em <http://www.ciesp.com.br/braganca/sobre/diretoria-regional-cidades/joanopolis/#:~:text=S%C3%B3%20passou%20a%20se%20chamar,ao%20padroeiro%20S%C3%A3o%20Jo%C3%A3o%20Batista>. Acesso em 11 jun. 2021.

CNM - Confederação Nacional de Municípios. Ministério do Turismo. **Entre os festejos mais comemorados, São João aquece turismo no Brasil**. Brasília: CNM,

2016. Disponível em <https://www.cnm.org.br/index.php/areastecnicas/noticias/turismo/sao-joao-e-dos-festejos-mais-comemorado-pelos-brasileiros-e-movimentao-turismo-no-pais>. Acesso em 20 mai. 2022.

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ- Editora Vozes, 2002.

FERNANDES, Cláudio. **24 de junho - Dia de São João**. Brasil Escola. Goiânia, s. d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/detalhes-festa-junina/origem-festa-sao-joao.htm>. Acesso em 21 de maio de 2021.

GALVÃO, F. Antônio Carlos; THEIS, Ivo Marcos. A formulação de políticas públicas e as concepções de espaço, território e região. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** (RBEUR) [Internet]. 2012; 14(2):55-69. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513951686004>. Acesso em 08 jun. 2022.

GIL, Gilberto. **Ministro da Cultura em Paraty**. Publicado pelo canal Gilberto Gil. Produzido por Reuters, 2003. 1 vídeos (5 min 52 seg). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Qeb2L3oZpzc&ab_channel=GilbertoGil. Acesso em 04 nov. 2021.

GIL, Gilberto. - Diversidade Cultural. **Discurso no Seminário Internacional de Diversidade Cultural**. Publicado por Jornal Estado de Direito. Produzido por Radiobrás, 2007. 1 vídeo (2 min 50 seg). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=CJh2PmZV1TY&ab_channel=JornalEstadodeDireito. Acesso em 02 nov. 2021.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; BOCK, Ana Mercês Bahia. A importância da ruptura epistemológica - nosso caminho com Silvia Lane. In: Sawaia, Bader B.; Purin, Gláucia Taís. (Org.). **Silvia Lane: Uma Obra Em Movimento**. 1ed. São Paulo: Educ, 2018, pp. 135-158.

GONÇALVES, Leonardo Giovane Moreira; PIMENTEL, Juliana Maria Vaz; VIOLIN, Fábio Luciano. **O mítico como produto turístico: o caso do lobisomem da Estância Turística de Joanópolis/SP**. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 101-115, abr. 2018.

GONDIM, Grácia Maria de Miranda; MONKEN, Maurício. Territorialização em Saúde. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/tersau.html>. Acesso em 09 nov. 2021.

NEVES, Anderson Jonas das. Uma interpretação analítico-comportamental de aspectos culturais e simbólicos da fogueira de São João. **Perspectivas**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 079-096, 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482017000100007&lng=pt&nrm=iso. acessos em 11 jun. 2021.

QUEIROZ, Danielle Teixeira; VALL, Janaina; SOUZA, Ângela Maria Alves e; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e aplicações na área da saúde. **Rev Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. A lenda do surgimento da fogueira de São João. In: RANGEL, Lúcia Helena Vitalli (Org.) **Festas juninas, festas de São João**: origens, tradições e história. 2008. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

VIVA Cultura Viva - Cultura e Educação. Publicado pelo canal Cia Arúak Produtora Cultural, 2012. 1 vídeo (51 min). Disponível em: <https://youtu.be/WBuaP9VWmkl>. Acesso em 02 nov. 2021.

Apêndices

Apêndice A

Significados atribuídos à festa; importância da festa para a população local e região	
INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
Significados atribuídos à Festa de São João.	- Festa com sabor e cheiro de infância, passado e diversão. - Quando crianças, cresceram com consciência da festa, que representa a chegada das novidades. - Quando criança, ansiava pela festa em função do sabor da maçã do amor. - Festa como período em que pessoas se reencontram e revivem memórias. - Forte vínculo da festa com a celebração dos fundadores do município e seus antepassados. - Festa como tradição local importante para os joanopolenses assim como é o natal para muitos, momento de receber todos os parentes. - Festa como parte da cultura e da identidade do joanopolense, que se emociona com as Festas de São João quando as encontra por aí. - Festa como a data do caipira, espaço para mostrar cultura interiorana como ela é. - Como praça da Sé ou Madrid, festa como uma oportunidade de levar a sua arte para ser vista, ser notado, se apresentar, se mostrar e ser reconhecido, festa como palco a céu aberto. - Festa com atrações diversas impulsionando circulação por cada canto. - Fenômeno da Quermesse interiorana. - Diferente dos demais santos, a Festa de São João ocorre no seu aniversário e não na sua morte, pois representa a chegada da Boa Nova (vinda de Jesus Cristo) por isso são barulhentas, fogueteiras. - Clima da festa faz parecer que ali o povo vira Brasileiro, quando acaba fica como tudo está no mundo, americanizado.
Festa de São João e sua relevância na socialização.	- Festa como um momento de agregar familiares, amigos e unir famílias. - Costume das famílias de se preparar para <i>festar</i> com antecedência. - Festa de São João como a principal apresentação para músicos locais. - Perenidade da festa para acolher cultura local e externa, que geralmente não chega à cidade. - O povo migra mas orgulho de ser joanopolense segue, retornam para festa e convidam amigos. - Emoção em ver familiares se apresentarem, público que vem prestigiar, quadrilhas nordestinas que vêm de fora, apresentações de teatro. - Roteiro das festas juninas da região tem Festa de São João de Joanópolis, considerada como a maior festa da região.
Fundação da cidade pautada na migração portuguesa, economia cafeeira, Igreja	- Migração portuguesa para a região no início do século XIX. - Rota de comunicação entre Vale do Paraíba e Rio de Janeiro (capital da época) passava ali, e o eixo rodoviário Fernão Dias - Dom Pedro I não existia. - Fazendeiros portugueses muito ricos que se juntam para fazer uma Festa de São João, e decidem construir uma igreja,

Católica e Maçonaria.	já com a visão de fundar uma cidade. - Rivalidade entre partido conservador e republicanos liberais que investem inicialmente no algodão e depois no café na região. - Jovens a frente de seu tempo, no caso liberais abolicionistas, querendo fazer algo diferente, e conseguiram criar uma cidade e comandar por mais de quarenta anos, alguns são caciques políticos até hoje, ao passo que conservadores ficaram de fora da história. - Condição para fundação do município: Paço municipal - prefeitura acima da cadeia, herança colonial 'estamentária' simbólica do estado acima da população tutelada - obra financiada pelos coronéis do café. - Fundação e auge da cidade alicerçada na economia cafeeira. - Maçons como a base da fundação política da cidade, em convivência pacífica com a igreja católica, amam a festa. - Após a criação do município, em 1917 deixou de se chamar São João do Curralinho e se tornou Joanópolis em homenagem ao padroeiro São João Batista, preservando a ligação com a história da fundação e da festa. - Prosperidade da cidade na época do café não dura muito, anos de decadência voltada para pecuária e agricultura, até que se projeta na área do turismo, e em seguida Lobisomem configura um elemento a mais para o turismo. - Tese de doutorado que projeta cidade do lobisomem escrita por neta de Anselmo Caparica, um dos festeiros fundadores abolicionistas republicanos, contribuição com a cidade permanece na família. - A influência de Portugal em Joanópolis permanece grande, principalmente em torno da estrutura da igreja católica, por exemplo os andores distribuídos e recolhidos enfeitados gerando uma concorrência saudável. - Tradições herdadas não são aleatórias mas simbólicas. - Igreja católica re-aproveitou o paganismo vestindo roupagem nova aos santos, se sobrepondo culturalmente.
Festa como organizadora das economias pessoais.	- Costume das pessoas guardarem dinheiro no cofrinho de São João o ano inteiro. - Festa como organizadora das economias pessoais para a festa, por ter apenas uma vez no ano, famílias param de gastar e poupam dinheiro para a festa.
Concentração da cultura em torno da Festa.	- Ausência de eventos culturais ao longo do ano empurra os moradores para estar na rua, pela oportunidade de ver apresentações, e acabam comendo apenas o que tem pelas barracas, festár a festa inteira. - Por não ter muito o que fazer na pequena cidade interiorana, crianças desde cedo se envolvem com música, natureza e esportes radicais. - Perigo da festa concentrar toda cultura (refém) em uma só semana, material humano com potencial muito bom na cidade. - Deveria ser o ano todo, a vida toda, mas homenagem ao caipira, à cidade, e cultura do interior está comprimida em 5 dias de festa. - Festa traz mais valor para aquilo que já é da gente já, só que forçado numa época só. - Que bom que festa comporta cultura caipira mas devia ocorrer todo fim de semana, já está difícil achar quem faça, velhinhos tão acabando, responsabilidade cai para si, que já não sabe rezas e letras antigas. - Festa das nações, natal, reveillon e carnaval são alguns dos outros eventos ao longo do ano.

Sobre Grupos folclóricos: São Gonçalo, Congada, Moçambique, Caiapó e Catira.	- Apresentação de grupos com culto religioso expresso através da música e da dança (congada, moçambique, caiapó). - Folclore e louvor que pros turistas soa exótico, para os locais é familiar, antigo e que remete a infância. - Caiapó como cultura indígena adotada pela tradição familiar antiga, e hoje segue praticamente independente da família. - Cultura religiosa de São Gonçalo, padroeiro dos violeiros, como costume, hábito de pagar promessa e tradição transmitida pela família. - Viola caipira como instrumento de louvor pra cantar música dos devotos de São Gonçalo. - Catira diferente do São Gonçalo é mais diverso, não envolve culto ao santo, mas dança criada e canto em roda, e aberto para intercalar com outras culturas, receber também roda de viola, congada, catira, e demais folclores. - Congada é a única ativ. do pai que filhas não participam, mas catira, São Gonçalo, rezas, sim
Cultura Joanopolense e a transmissão caipira familiar hereditária.	- Joanópolis tida como cultura festeira notória. - Questão da hereditariedade cultural: "tudo que meu pai fez pra mim (na festa) eu fiz pro meu filho"; "ansiedade para apresentar crianças à festa". - Lembranças da sua primeira festa permanecem e cultura festeira vai passando de geração em geração. - Falar na festa traz lembranças das festas antigas - algodão doce feito a mão tinha outro sabor. - Ligação forte com a festa pela ancestralidade - Ambrosina Pinto avó 1a festeira. - Família pautada na tradição de folgazão (São Gonçalo) e capelão (reza do terço) transmitida por gerações, levam a cantoria sempre lembrando do pai, esperam não deixar morrer. - Festa como momento daqueles que vivem da cultura, numa cidade interiorana onde a maioria vive da agricultura, trabalhando na roça. - Roda de viola e cantoria do cotidiano familiar, às vezes lotada de convidados, quando sobrinha vem dançam catira, continuam se prestigiando. - Artistas modernos vem pro palco principal mas cultura antiga está na rua então não conseguem mudar. - Conflito com seu meio, já quis mudar o sotaque, hoje o que mais gosta é chegar perto do seu povo e falar do jeito que fala.

Apêndice B

Período pandêmico de ausência da festa (2020/2021)	
INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
Lembranças e Pensamentos que teve durante a época.	- Lembrava 'hoje era pra gente tá na rua, fazendo tal coisa', 'ah que saudade de comer um lanche tal, de ver tal coisa' e desse aglomerado de pessoas. - Lembrava que era pra tá tocando musiquinha, organizando eventos, caiapó, São Gonçalo, pensando em tocar. - Lembranças do pai e mãe, saudade de estar na festa todos os dias. - Lembranças do tempo que participou da igreja, caiapó, coisas que pai e mãe faziam, ele e irmãos ficaram fazendo parte da festa que de repente falta com o tempo. - Celebração familiar menor durante pandemia para orar e agradecer. - Não acreditavam que não ia ter festa por que nunca não teve, mas entenderam que era por força maior. - Falta da festa atrapalhou crescimento da cidade. - Momento doloroso, em que a cidade ficou triste.
Sentimentos que surgiram na época.	- Clima de medo e ausência da festa provocou um vazio. - Festa como tradição da cidade que nunca faltou. - Frio de clima de festa marcado pelo silêncio, vazio, estranho, 'judiação'. - Ficar sem festa como tristeza de quem valoriza, de quem precisa. - Tristeza pelo mundo todo e cidade sem algo que é especial para ela. - Lives em casa e delivery rua caipira chegavam até em casa, mas sentiu falta de participar da tradicional festa. - dinheiro que não entrou para os comércios, - povo ansioso pela festa. - Se sentiu deprimida durante a pandemia. Quer que festa se realize mas tem medo, não pretende entrar em aglomeração este ano, mas assistir shows mais de trás pelos arredores.
Sobre Lives e Delivery da Rua Caipira em celebração ao São João.	- Festa online e delivery - 'a gente tá vendo mas não tá curtindo'. - Festa online e delivery - músicos se organizando pra matar um pouco da saudade, mas nem se compara ao palco com a galera então fez muita falta. - Representaram e comemoraram, não esquecendo de São João do jeito que deu, de forma virtual, fria, mas as bandeirinhas estavam lá.

Apêndice C

Expectativas para as festas futura e medos	
INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
Expectativas para as Festas futuras.	- Festa simboliza que estamos caminhando em termos de saúde, que está quase tudo bem. - Marcado pela música, a data, a felicidade em saber que vai ter festa depois de tudo que passou. - Pessoas ansiosas para apresentar suas crianças novas à festa. - Ansiedade pelo retorno, sonhando com a festa. - Expectativa por introduzir coisas novas na festa e renovar público. - Expectativa por encontrar amigos e conhecidos que frequentam a festa.
Medo da Festa não retornar.	- Impossível a festa acabar, pois acabar nasceu espontaneamente. - A festa só acaba se a pandemia voltar a piorar, se não esse o próximo prefeito faz. - Nunca mais a festa voltar não era um medo, mas sim quando a festa retornaria. - Medo de perder tradição da festa caso não tenha esse ano, cidade não celebrar o aniversário e a cultura esfriar.

Apêndice D

Demandas, conflitos e proposições à festa	
INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
Conflito de interesses econômicos com comerciantes locais	- Comércio perdem público tradicional regular mudando o perfil do comércio, compensando as perdas financeiras pelo público da festa. - Conflito de interesses com comerciantes locais que não se vêem beneficiados pela festa. - Dinheiro que entra pela festa gira economia da cidade, tanto pela prefeitura e eventualmente pela igreja também. - Barraqueiros praticamente pagam as atrações profanas e despesas da festa. - Apesar do empate econômico pro comércio, a festa traz alegria para os locais, que concentram seus gastos naquele período, demorando um tempo para voltarem a consumir por aí. - Festa proporciona uma grande feira que é tratada como negativa, quando na verdade configura uma oportunidade de consumo para os locais que não acessam grandes centros comerciais. - Xepa da festa, grande liquidação que potencialmente diminui o comércio durante a festa.
Perdas culturais com o tempo (não relacionadas à pandemia e ausência da festa)	- Aspecto histórico do Caiapó e Congada na cidade tem por volta de cem anos. - Quem faz a Festa é o povo, então não se perderá, mas manter tradição folclórica requer incentivo político. - Hábito de soltarem bombas diariamente em junho, até a chegada da festa, que se perdeu. - Bandas que acompanham a procissão de São João quase desapareceram. - Hábito antigo de levar crianças vestidas de São João, de anjo, às vezes puxando carneiros (dependendo do padre que organiza), como representação simbólica de São João apresentando Jesus para o mundo. - Ausência de festa como algo eventualmente positivo para voltar mais receosa, aconchegante, com o pé no chão, menos glamour e mais essência da festa. - Jovens de hoje já não possuem e cultivam raízes com a cidade, antigamente eram amigos cujos ancestrais também eram amigos. - Hábito familiar de organizar a própria festa de São Antonio, após a morte dos pais, mantém reza do terço para São Antônio, mas já não fazem mais a festa. - Homenagem a São Gonçalo também não era exclusivo da festa mas cotidiano, avô conduzia festas de sítio batendo o pé, rodando e cantando. - Não tem problema saber falar outras línguas, mas temos que saber falar português (palavras como Chibante e Desenxabido), conhecer as próprias raízes e saber valorizar a própria cultura.
Questões Políticas	- Modificações positivas em torno da estrutura para a festa (higiene, ponto de água e luz, barracas selecionadas) festa se profissionalizou, cresceu de forma positiva. - Rua caipira criada há dez anos por Secretária de Turismo da época

	- Intrigas políticas em torno da comunicação entre artistas e organização prefeitura, sobrepondo interesses à agenda cultural. - Enquete do prefeito como confirmação de que haverá festa este ano. - Votou não na enquete do prefeito por medo, visto a possibilidade da festa não ocorrer em função da pandemia que ainda não terminou. - Ausência de motivos para não voltar a ter festa, visto natais e anos novos. E que venha bem organizada, não só por pressão do povo mas visando a cultura da cidade.
Proposições/ Sugestões	- Importância da festa não perder tradições, equilibrar antigo e novo e não suprimir. - Importância da cooperação entre comissão da prefeitura e igreja e secretaria de cultura e turismo. - Propõe tomar grupos folclóricos como patrimônio histórico e aprovar diretriz para gerenciar verba da Festa de São João. - Importância de transmitir para crianças a sua essência/base da sua cultura, para daí poder conhecer novas. - Repetição faz com que fixemos as coisas na cabeça, se houvessem shows e apresentações dos grupos folclóricos na praça de fim de semana já mudaria bastante coisa. - Na escola é onde se influencia as pessoas. - Necessidade de um esforço coletivo entre prefeitura, escola e pais para valorizar a cultura tradicional.
Inovação e possibilidade de ir ressignificando a cultura da festa por meio de mais apresentações, teatros e grupos folclóricos	- Apresentação de teatro da Helena como transmissor dos elementos religiosos presentes na festa, de como surgiu a primeira festa e a cidade, como a essência da festa permanece. - Apresentação de teatro da Helena como um patrimônio histórico a ser tombado. - Folclore também é capaz de comunicar com jovens e ressignificar a cultura, se atualizar no seu ritmo.